



Universidade de Brasília  
Instituto de Ciências Sociais  
Departamento de Antropologia

Gabriela Guimarães Landim

**Língua e estigma nos processos de integração social de  
imigrantes brasileiros nos contextos inglês e português.**

Brasília, Outubro de 2012.

Gabriela Guimarães Landim

## **Língua e estigma nos processos de integração social de imigrantes brasileiros nos contextos inglês e português.**

Monografia apresentada ao Departamento de Antropologia da Universidade de Brasília como requisito parcial para a conclusão do curso de bacharelado em Ciências Sociais, com habilitação em Antropologia.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dra. Andréa de Souza Lobo.

Brasília, Outubro de 2012.

Gabriela Guimarães Landim

## **Língua e estigma nos processos de integração social de imigrantes brasileiros nos contextos inglês e português.**

Monografia apresentada ao Departamento de Antropologia da Universidade de Brasília como requisito parcial para a conclusão do curso de bacharelado em Ciências Sociais, com habilitação em Antropologia.

Banca examinadora:

---

Prof<sup>a</sup>. Dra. Andréa de Souza Lobo.

---

Prof<sup>o</sup>. Dr. Carlos Alexandre Barboza Plínio dos Santos.

Brasília, Outubro de 2012.

## **Agradecimentos**

Primeiramente, agradeço à minha família pelo apoio necessário para a realização deste trabalho bastante custoso. Sem o apoio financeiro e o incentivo da família, eu não teria chegado à metade do caminho que percorri. Meus pais, minha irmã e meus avós sempre se preocupando e me amando nos momentos mais difíceis e nos acidentes de percurso (faz parte!), assim como nos momentos mais descontraídos, nas conversas pelo Skype, email ou Facebook.

Da mesma forma, o suporte emocional e afetivo do meu namorado estiveram presentes, seja nos momentos de comemoração, seja nos momentos mais difíceis, de crise e estresse, na distância e na proximidade. Toda a atitude de companheirismo do “Doo” fez dele uma peça fundamental nesta jornada para que eu pudesse seguir com força e persistência neste cansativo percurso que é o trabalho científico.

De coração, agradeço a todos os meus interlocutores que me relataram seus casos com muita paciência e me receberam sempre muito bem em nossos encontros nos shopping centers, ou na cantina da universidade, ou em suas casas, e até mesmo em seus espaços de trabalho. Agradeço os quitutes, os lanches que me foram oferecidos e até mesmo as boas risadas que estes interlocutores me proporcionaram. Serei eternamente grata a estes, pois sem eles este trabalho jamais teria se concretizado. Assim como os vários laços de amizade que cultivo até hoje com muitos deles.

E é com um carinho imenso que agradeço a todos os meus amigos que me acompanharam, inclusive, em alguns encontros com interlocutores, quando me sentia insegura. Amigos estes que me apoiaram nos momentos de desânimo, quando eu me questionava se um dia esta pesquisa daria certo! O semestre em Portugal não teria tido metade de sua graça e produtividade se não fossem meus amigos, em especial o Thiago, a Marina e a Elisa. Estas três figuras foram um suporte imprescindível na ausência da minha família e do meu namorado. Estes exerceram com primor o papel do que pode se chamar *amigo*.

Em seguida, quero agradecer à minha orientadora Andréa por ter aceitado me

orientar nesta jornada de um ano pesquisando no exterior, sem contar os outros semestres nos quais me ajudou a traçar um projeto coerente. Da mesma forma, ela, agora na fase final, me deu muito apoio quando me guiou na produção desta monografia.

Da mesma forma, quero agradecer ao DAN pelo apoio financeiro que não deixa de ser um incentivo para aqueles alunos que pretendem se aventurar para além das fronteiras do Brasil, na esperança de um bom trabalho antropológico!

*Last but not least*<sup>1</sup>, agradeço ao professor Carlos Alexandre pela sua boa vontade em fazer parte desta banca examinadora.

---

1 Expressão equivalente a “por último, mas não menos importante”.



[...]

Y así seguimos andando  
Curtidos de soledad  
Nos perdemos por el mundo  
Nos volvemos a encontrar.  
Y así nos reconocemos  
Por el lejano mirar  
Por las coplas que mordemos  
Semillas de inmensidad.  
Yo tengo tantos hermanos  
Que no los puedo contar  
Y una hermana muy hermosa  
Que se llama libertad.

**Los hermanos. Mercedes Sosa.**

**Resumo:** A partir de uma perspectiva micro-sociológica, onde foca-se nas relações interpessoais entre imigrantes brasileiros e nativos nos contextos inglês e português, este trabalho teve como objetivo analisar o papel que a língua desenvolve no processo de integração destes imigrantes nas sociedades receptoras. Da mesma forma, buscou-se a análise do desenvolvimento de processos estigmatizadores destes imigrantes nestes contextos.

**Palavras-chave:** estigma, língua, fluxos migratórios, integração, imigrantes brasileiros.



## Sumário

<b>Introdução.....</b>	<b>10</b>
<b>Capítulo 1 – Emigrar <i>por quê?</i>.....</b>	<b>16</b>
<b>Capítulo 2 – A vida no exterior.....</b>	<b>28</b>
2.1    Os contextos de Loughborough e Londres.....	28
2.2    Contexto de Porto.....	31
2.3    Disputas e solidariedades no mercado de trabalho.....	34
<b>Capítulo 3 – Integração e estigma do estrangeiro.....</b>	<b>38</b>
3.1    O fator linguístico e o imigrante.....	47
3.1.1    O imigrante brasileiro, a língua portuguesa e preconceitos em Portugal.....	48
3.1.2    Estigma, preconceito e a questão de gênero: as brasileiras em Porto.....	51
3.2    O imigrante brasileiro, a língua inglesa e preconceitos na Inglaterra.....	55
<b>Capítulo 4 - O retorno, um dilema.....</b>	<b>65</b>
4.1    O <i>jeitinho brasileiro</i> contraposto à organização europeia e sua qualidade de vida.....	66
4.2    O caso português.....	69
4.3    O caso inglês.....	72
4.4    Produção de <i>status</i> pelo retorno e a readaptação do emigrante.....	74
<b>Considerações finais.....</b>	<b>80</b>
<b>Bibliografia.....</b>	<b>82</b>

## Introdução

Pretendo aqui, apresentar o *porquê* deste tema, os objetivos gerais deste trabalho, e a forma como ele se desenvolveu.

Este é o resultado de uma pesquisa que consistiu na busca pelo entendimento de como se desenvolve o processo de integração de imigrantes brasileiros em Porto (Portugal), Loughborough e Londres (Inglaterra), focando-me no papel que a língua desenvolve nestes contextos. A língua portuguesa seria um fator primordial para o processo de integração de um brasileiro em Porto? E a língua inglesa? Não ter o domínio desta língua dificultaria o processo de integração social destes brasileiros nas duas cidades inglesas em comparação com o contexto português? Seguindo a mesma linha comparativa, busquei explorar o fator estigmatizante da posição destes brasileiros enquanto estrangeiros e imigrantes nos dois contextos. O peso do estigma é mais sentido no contexto de imigração em português, devido às semelhanças culturais e linguísticas, ou no contexto inglês?

Procurei responder a estas questões a partir do que observei entre meus interlocutores, através das entrevistas e vivências cotidianas, e a partir de minha própria vivência, enquanto *observadora participante* durante todo o ano de 2011, no exterior. Este trabalho é fruto de um esforço comparativo conforme será explicitado no decorrer de sua apresentação.

Primeiramente, explicarei o *porquê* da escolha deste tema. Começo voltando ao ano de 2010, quando minha mãe conseguiu concretizar um sonho: realizar seu doutorado com o programa “sanduíche”, onde o doutorando realiza parte de seu trabalho no exterior, associado a alguma universidade no local de sua preferência e onde irá residir, no caso dela, por 1 ano. A cidade escolhida foi Loughborough, na Inglaterra. Este foi o primeiro fato marcante do ano. O segundo foi minha seleção pela Assessoria de assuntos internacionais da UnB, o INT, para o intercâmbio acadêmico em Porto, Portugal. Logo, eu tinha dois acontecimentos importantes e decisivos, em muitos aspectos, que ditariam o rumo que minha vida tomaria no ano que viria: eu passaria todo o ano de 2011 no exterior!

Porém, a questão era que eu já estava em fase de conclusão da minha graduação e um ano ausente atrasaria minha formatura, caso eu não desse continuidade a esta no período em que passaria afastada da universidade. Foi então que tive a ideia de juntar o útil ao agradável. Por que não realizar minha pesquisa de campo no exterior? Foi então que tive a ideia de trabalhar na área dos fluxos migratórios. Sendo assim, saí à procura de algum professor que pudesse me orientar nesta jornada. Com muita sorte, a professora Andréa me recebeu de braços abertos e topou o trabalho de assistência. Desde então, muito trabalho foi realizado: primeiro, articulamos o projeto de pesquisa, depois foi mergulhar de cabeça no campo e, por último, produzir o trabalho final.

Passamos agora para o “como” a pesquisa se desenvolveu. No início de Fevereiro desembarquei em Porto, e a partir daí a jornada consistiu em muito trabalho, muita diversão, e (por que não?) muito estresse. Sim, pois residir no exterior não é tarefa fácil, nem se compara ao turismo, quando nos concedemos um descanso das nossas rotinas e passamos alguns dias ou meses de férias, viajando e depois voltamos para o conforto do lar, no Brasil. O psicológico de um estrangeiro residindo no exterior passa por períodos de estresse muito fortes na tentativa de adaptação. Constantemente, nos deparamos com situações com as quais não estamos preparados para lidar. No meu caso, passei seis meses residindo com uma família portuguesa, o que por um lado foi bom por me ajudar a perceber e imergir em uma cultura bastante diferente da nossa, em diversos aspectos. Por outro lado, você se encontra em posição de refém, pois muitas vezes é necessário se submeter aos caprichos dos nativos, afinal o estrangeiro é um peixe fora d’água e se encontra em posição de fragilidade diante das relações de poder com os mesmos, principalmente toda vez que tem de ouvir coisas do tipo “você não está no seu país, então não reclame. Afinal de contas, a porta da rua é a serventia da casa.” E além do mais, eu tinha uma meta a cumprir durante estes seis meses: entrar em contato e me aproximar do maior número de imigrantes brasileiros e conseguir informações a respeito dos processos de integração naquele contexto português. Sem dúvida alguma, este foi o trabalho mais difícil e mais desgastante.

Pelo fato de Portugal ser o maior pólo atrativo de imigrantes brasileiros na

Europa, não é difícil de encontrá-los nas ruas, no metrô, nas lojas, nos bares. Enfim, encontrar estes imigrantes não era o problema, a maior dificuldade era me aproximar destes. Muitas vezes eu me aproximei e consegui o contato. Então eu pensava: “ufa! agora será moleza!”. Mas aí que eu me enganava! Várias foram as vezes em que consegui o contato e ligava em busca de um encontro para que eu pudesse conversar e entrevistar o brasileiro, mas quando chegava o dia do encontro eu ficava *a ver navios*. Muitas foram as vezes em que gastei dinheiro, tempo e tive de me deslocar muitos bairros em busca de um brasileiro(a) que não me receberia, pois havia encontrado algo mais interessante para fazer do que me conceder uma entrevista “chata”, ainda que a entrevista estivesse confirmada há uma semana ou mais.

Em suma, foram situações de muito desgaste, tanto nestes casos em que eu ficava no prejuízo, quanto nos dias em que eu, simplesmente, não conseguia nenhum contato. Nestes dias, o sentimento era de fracasso: “esta pesquisa nunca vai dar certo!”, eu pensava. Não foram dias fáceis, de forma alguma. Mas ao final do semestre, quando eu estava de saída de Porto, rumo à Inglaterra, eu percebi que todo estresse tinha valido a pena, e, felizmente, eu estava no caminho certo.

Na Inglaterra, a situação foi bem diferente, mas não menos estressante, com relação à pesquisa de campo. Desta vez, não residi em uma cidade grande, como Londres ou Porto, mas sim em uma cidade bem pequena, chamada Loughborough, pronuncia-se “Lufbra”. Quando cheguei na cidade pensei que jamais encontraria brasileiros por ali, no interior da Inglaterra. Mas me enganei, novamente! A sorte foi que minha mãe já estava instalada em Lufbra, quando eu cheguei, e ela havia conhecido, por intermédio de uma amiga brasileira, uma outra brasileira: Doriana. Doriana foi a peça que faltava para que a partir dali eu tivesse contato com o restante dos brasileiros residentes da pequena cidade. Eram em torno de uns 15 brasileiros em Lufbra, que tem em torno de 40 mil habitantes, sendo que em torno de 20 mil são estudantes internacionais.

Fiquei espantada com a quantidade de brasileiros na cidade! Aparentemente poucos, mas se pensarmos no contexto de uma cidade pequena, pouco conhecida fora da Inglaterra, com uma população igualmente pequena, encontrar quase 20

brasileiros logo de início é no mínimo curioso. Em sua maioria estavam ali, a princípio, para estudarem na Loughborough University, ou para cursarem inglês no Loughborough College. Porém, alguns conheceram ingleses com quem se casaram e outros resolveram estender seus estudos e trabalhar, ao invés de retornarem ao Brasil.

Além destes brasileiros de Lufbra, também tive contato com outros brasileiros residentes em outras cidades de interior no país. Em sua maioria faziam parte da mesma rede social, e uma vez dentro desta rede social, fui sendo apresentada aos meus interlocutores, com os quais fui estabelecendo uma relação de maior proximidade, principalmente por estarem, em sua maioria, na mesma situação - de estudante - da minha mãe. Logo fizemos amizade e saíamos com frequência, ou marcávamos encontros uns nas casas dos outros. Inclusive em épocas como o Natal, onde sentíamos maior falta da família, a presença destes amigos brasileiros nos reconfortavam e davam mais significado àquela data tão comemorada, desta vez longe de nossa casa no Brasil. A pesquisa de campo na Inglaterra, aparentemente, foi menos estressante, mas não menos trabalhosa. Novamente, ter de correr atrás de interlocutores não é tarefa fácil, mas ali estávamos mais próximos, e eu me sentia mais a vontade por estar entre novos amigos, no final das contas.

Com relação aos contatos que estabeleci com imigrantes brasileiros em Londres devo agradecer a duas amigas e suas redes sociais. Uma amiga brasileira, que estava morando na cidade inglesa há uns 4 anos me apresentou sua faxineira, também brasileira. Da mesma forma, conheci mais dois interlocutores que vivem em Londres, e que me foram indicados por uma outra amiga. Desta forma, ficou clara a importância que as redes sociais assumem em situações de pesquisa como esta. Se não fossem estas amigas e seus contatos, talvez, o meu número de interlocutores teria sido significativamente reduzido.

Sobre a produção da análise, dialoguei com autores como Schutz (1979), no aspecto que adentra a condição do *estrangeiro* diante da *pauta cultural local* a ser decifrada na tentativa de integração nesta nova sociedade. Utilizei-me de conceitos como o de *imigridade*, em Uriarte (2009), ao explorar o caráter estigmatizante do

imigrante. E adentrando esta esfera, não poderia faltar o conceito de *estigma*, utilizado no diálogo com Goffman (1988), relacionando-o à questão da *integração* no processo de imigração. Assim como DaMatta (1997) se fez presente na discussão a respeito do estereotipado *jeitinho brasileiro*, e como ele se insere no imaginário de imigrantes vivenciando um outro contexto, muito diferente do brasileiro. Estes são exemplos de nomes de peso, aos quais sou imensamente grata pela luz que jogaram sobre os inúmeros momentos de divagação e trabalho, na tentativa de elucidar minimamente o processo de (des)integração destes emigrantes brasileiros em contextos diferentes e compará-los em busca de novos olhares e novos conhecimentos sobre recortes de esferas diferenciadas do fenômeno emigratório brasileiro - levando em conta os limites de uma monografia de final de graduação.

Com relação à estrutura do trabalho, no primeiro capítulo pretendo traçar com cores fortes o “meu tipo de interlocutor” e como ele tem sido enxergado e posicionado dentre os trabalhos que se propuseram a explorar a área dos fluxos migratórios nas últimas décadas. Desta forma pude delinear meu campo e posicionar meus interlocutores de forma mais segura dentro do espaço diferenciado que lhe cabe, por serem parte, de fato, de uma categoria diferenciada de emigrantes brasileiros.

No segundo capítulo, procuro retratar os contextos português e inglês, suas diferenças e similaridades e relações de disputa, solidariedades e estereótipos que rondam a figura do brasileiro, há muito.

Enquanto no terceiro capítulo, esforço-me na tentativa de expor, analisar e relacionar o processo de integração destes brasileiros e sua relação com o domínio ou não da língua local, as dificuldades e facilidades deste processo e o caráter estigmatizante da figura do imigrante brasileiro nestes contextos, relações agravadas inclusive pelas questões de gênero.

E por último, no quarto capítulo, proponho uma análise do fenômeno do retorno, considerado por muitos teóricos, uma parte essencial que completa os fluxos migratórios, e como ele é construído em interdependência com o quesito *qualidade de vida*. Este por sua vez é considerado por meus interlocutores uma questão fundamental que assume um peso, muitas vezes decisivo, na escolha pelo

retorno ao Brasil ou pela permanência no exterior, mesmo diante do cenário de crise que tem atingido, principalmente, os países europeus, nos últimos anos.

Com este trabalho, pretendo apresentar ao leitor uma fase de intenso aprendizado, em que pude adentrar um campo e, inesperadamente, ter o contato com um grupo diferenciado de emigrantes que me possibilitou uma visão mais ampla de como se compõem os fluxos migratórios, e como eles articulam e (re)constroem seus espaços nestes contextos internacionais. Assim, pude observar como eles se diferenciam, ou não, dos outros emigrantes em suas tentativas de integração e como se posicionam nos processos de estigmatização do estrangeiro.

## Capítulo 1 - Definições e dilemas em torno do conceito de *migrante*.

### Emigrar por quê?

Por todos os países europeus por onde passei pude encontrar brasileiros. É incrível a capacidade do brasileiro de se espalhar pelo mundo a fora. E o mais interessante é que nos reconhecemos quase sempre. É bater os olhos e pensar: “este parece brasileiro”. A confirmação vem em instantes quando estes começam a falar nosso bom e velho português brasileiro. Como foi o caso, quando me perdi com minha irmã, em Bruxelas, na Bélgica, e não falávamos francês. Coincidência ou não, quem nos ajudou a tomar a direção certa foi uma família de brasileiros que lá residia há 6 anos, originários de Minas Gerais.

Este é apenas um exemplo. Da mesma forma poderia citar o caso de Elias. Um brasileiro com quem nos deparamos em Barcelona. Deixou a vida no Brasil, onde vivia com a mãe em uma situação de conforto material, e migrou para a Espanha, onde abriu uma padaria muito bem localizada e muito bem frequentada.

Durante o ano que passei no exterior tive contato com emigrantes brasileiros nas situações mais diversas e inesperadas, e não me restam dúvidas de que são incontáveis os motivos para o traslado destes emigrantes. Muito além do ganho financeiro, fica claro na fala de meus interlocutores que o aspecto relacional e do *capital humano* é por eles muito valorizado dentre os motivos que os levaram a migrar. Muitos deles falaram da importância de se ter esta experiência que os ensina muito sobre a vida, sobre as pessoas, da importância de se ter a noção de como o mundo acontece fora da nossa realidade brasileira.

Paula, 30, de Natal - RN, conta um pouco da sua perspectiva a este nível,

Minha experiência é muito enriquecedora, porque apesar das decepções, você tem que ter esse jogo de cintura com o fato de você ter que lidar com pessoas tão diferentes, o que para você é uma agressão para o outro não é. Você cresce, você é forçado a crescer, a lidar com estas coisas de outra forma. É enriquecedora, neste sentido.



Ela deixou sua cidade natal e vivia em Porto há sete anos. A princípio, Paula “cansou-se” da realidade de Natal e foi para Porto (Portugal) em busca de uma “vida diferente”, depois resolveu fazer sua faculdade de Farmácia, na Universidade de Porto. No início, trabalhou como a maioria dos imigrantes brasileiros em Porto, na área da restauração (restaurantes). Relatou uma difícil integração com a comunidade, sofreu preconceito por ser brasileira e durante muitos anos quis voltar para o Brasil. Mas atualmente, mudou de ideia e já não pensa em retornar devido ao relativo conforto e segurança que encontra em Porto, mas principalmente, por estar se relacionando afetivamente com um português.

João, 28, paulista, em tom jocoso me contou sobre sua experiência e mudança pessoal em decorrência da sua vida na Inglaterra. Para João,

[...] o inglês é extremamente educado, então para você fazer parte da comunidade você tem que agir com eles da mesma forma. Tanto é que quando fui ao Brasil agora da última vez, o pessoal achou que eu era *gay*, porque tudo você pede 'por favor', 'muito obrigada', 'com licença'. E é interessante porque morando aqui e voltando ao Brasil, a gente volta muito mais educado. E é uma forma interessante, faz parte da cultura.

João mudou-se para Londres para estudar, aprender inglês e voltar para o Brasil, onde ingressaria na política (assim como seu pai e seu tio). O plano era ficar seis meses em Londres, aprender inglês e retornar às terras brasileiras. Porém, foi adiando seu retorno e acabou conhecendo sua atual esposa, inglesa. Desta forma, em 2011, João completou sete anos vivendo na Inglaterra.

Ele começou trabalhando de *bar man*, depois evoluiu durante alguns anos no mercado de trabalho local, até alcançar a posição de gerente de uma rede de hamburgueria inglesa. Uma posição elevada dentro deste mercado de trabalho. Imagine quantos brasileiros conseguem atingir esta posição de destaque em uma empresa inglesa, em um país como a Inglaterra? Esta relação de poder entre brasileiros e nativos não deve ser ignorada quando se pensa este contexto da imigração.

Como alguns interlocutores relataram, saíram, inclusive, de forma aventureira. Foram em busca de uma vida nova, da possibilidade de maior prosperidade financeira comparado à prosperidade no Brasil, ou queriam se libertar, conhecer

uma nova realidade além do que suas vidas no Brasil poderiam oferecer.

Everaldo, 46, é outro excelente exemplo de imigrante que não saiu do Brasil fugindo de uma realidade árdua, mas sim em busca da liberdade que não encontrava no seio de sua família. Chegou à Inglaterra com 23 anos, originário de Maceió - AL, e assim relatou sua trajetória,

[...] eu tinha uma prima que tinha vindo e tinha passado seis meses em Londres, e eu queria sair do Brasil, e eu já tinha estudado inglês durante muitos anos no Brasil, então eu tinha esta pessoa da família que tinha saído do Brasil e tinha dado certo, então eu resolvi vir também. Eu decidi vir por uma série de fatores pessoais, a gente tinha um negócio de família e eu estava muito preso à família, e eu queria cortar o cordão umbilical. Duas amigas haviam falecido, eu tinha acabado um relacionamento e eu queria cortar o cordão umbilical, queria liberdade e vim! [...] Nós tínhamos este negócio muito bem sucedido com a família inteira, mas eu era o filho da Laura, o Everaldo não existia. [...] Eu cheguei em um ponto que eu não conseguia mais respirar com a pressão da família, com o negócio. Eu não conseguia emprego, porque ninguém ia me empregar sabendo que minha família tinha um negócio grande. Então eu queria me libertar, voar, e ver a possibilidade de crescer sozinho, independente da família.

Chegou em Londres com visto de turista, e depois de dez dias de estadia ele resolveu rasgar sua passagem de volta para o Brasil. Estava decidido a ficar e foi procurar emprego. Apesar de seu *status* social no Brasil, seu primeiro emprego foi como faxineiro no Natural History Museum, em Londres, onde lavava banheiro, aspirava carpetes, lavava vidraças.

Wesley, 44, e sua mulher, Rosália, retratam outro caso exemplar do meu tipo emigratório, pois eram funcionários do Banco do Brasil, tinham casa própria em sua cidade mineira de Montes Claros, tinham uma renda que lhes garantia uma vida tranquila, mas largaram tudo em busca de uma vida ainda melhor e mais confortável em Porto,

Eu trabalho desde praticamente quando eu cheguei, eu demorei 15 dias para arranjar trabalho. E trabalho aqui você vai fazer totalmente diferente do que você fazia lá [no Brasil]. Nós [ele, a mulher e o filho ainda bebê] viemos de uma área administrativa [funcionários públicos no Banco do Brasil], e caímos na restauração aqui. Na nossa área, do Brasil, nunca trabalhamos aqui. [...] Eu gosto de estar aqui, assim não sou apaixonado, mas eu já me adaptei. Das duas vezes em que fui ao Brasil eu quis voltar para cá. Mas eu tenho esperança de trabalhar na minha área aqui.

Já no caso de Amélia, 32, paulista, assim como tantos outros imigrantes a causa de sua mudança definitiva para a Inglaterra, depois de uma temporada estudando inglês em Londres, foi o rumo que sua vida tomou ao conhecer seu atual marido (inglês). Segundo Amélia,

No Brasil eu tinha um emprego muito bom, eu ganhava até que bem, morava sozinha, tinha minha independência, era confortável minha vida. Eu trabalhava na Bovespa, sou formada em sistemas de informação. Mas eu queria fazer alguma coisa diferente, aí eu vim.

Lúcia, 31, foi para Porto a fim de continuar seus estudos, o que não seria possível permanecendo no Brasil, como ela relata, “eu tranquei a faculdade no Brasil, na UFPB, e eu fazia porque minha família exigia. Como eu era dançarina profissional, se eu ficasse no Brasil eu ia querer dançar, então eu quis fazer o *Erasmus*<sup>2</sup> para me apegar aos estudos, e vim para Porto.”

Doriana, paranaense, é outro exemplo de quem acabou sua graduação no Brasil e foi fazer a pós-graduação na Inglaterra. Ela foi com seu marido, que começou a trabalhar enquanto treinador de um time de vôlei local. Doriana acabou seu curso de mestrado, mas resolveu permanecer no país, então conseguiu alguns empregos, um deles na associação de judô local. Mas com a crise econômica, seu marido perdeu seu emprego de treinador, e ela também já não conseguia mais emprego, logo tiveram de voltar para o Brasil, depois de cinco anos no exterior.

Ao contrário do caso acima, Karina é uma paulista que saiu da grande São Paulo para acompanhar seu marido que foi fazer seu mestrado na universidade de Loughborough. Durante o tempo que passou na pequena cidade, ela conseguiu emprego na biblioteca da Loughborough University.

Ícaro, estudante de Ciência Política na Universidade de Brasília, trancou a faculdade por alguns semestres e foi para Londres estudar inglês, mas já pensa em permanecer por tempo indeterminado, caso consiga um emprego.

Estes são alguns dos casos de interlocutores com quem trabalhei durante o período que passei no exterior, principalmente, nos contextos de Loughborough e Porto, pesquisando ao mesmo tempo em que vivenciava a situação de uma mulher

---

2 Programa de intercâmbio para/entre países europeus.

jovem, oriunda da classe média brasileira.

...

Nesta segunda parte do capítulo, exploro algumas das várias definições possíveis do termo *migrante*, como ele tem sido trabalhado em outras pesquisas, e como ele se encaixa em meu trabalho. Procuro diferenciar os vários usos e questionar a forma rígida e limitada, e de viés fortemente economicista, com que uma parte das pesquisas que desenvolveram o tema dos fluxos migratórios contemporâneos tem trabalhado o conceito.

De início, é de relevância fixar aqui que trato o conceito de *imigrante* enquanto categoria social, e não sociológica. Desta forma, não me inspirei aqui no conceito traçado por muitos teóricos que procuram limitá-lo forjando-o com um viés marcado pelo fator trabalho e pelo mercado global. Isto significa que durante o desenvolvimento do campo, meus interlocutores nunca questionaram ou se opuseram à categoria. Mesmo aqueles que se casaram com nativos ou os estudantes, a princípio, temporários nos contextos inglês e português, sempre se enquadraram enquanto imigrantes quando eu assim os chamava, por exemplo durante as entrevistas e longas conversas informais.

De forma bem geral e sucinta acho interessante traçar um breve histórico dos estudos sobre fluxos migratórios nas últimas décadas até os dias atuais, e este trabalho Uriarte (2009) fez muito bem.

A autora descreve brevemente a evolução dos estudos dos fluxos migratórios. Segundo a autora, a primeira geração de estudos sobre migrações se propuseram a investigar fluxos nacionais, seus polos de expulsão e atração, com um viés utilitarista, onde o fator das desigualdades estruturais se despregava do processo migratório. Desta forma o indivíduo era visto enquanto responsável pelas causas e consequências deste processo migratório, e não a estrutura. A segunda geração tinha um viés mais voltado para a dinâmica do sistema capitalista, onde os fluxos migratórios se inseriam no processo de interdependência entre periferias e centros da economia mundial. Agora as atenções se voltam para a estrutura marcada pela

desigualdade e retiram o caráter de agência do sujeito e a possibilidade deste manejar seu destino conforme suas escolhas.

Nesta geração dos estudos migratórios, este sujeito é retratado como aquele que emigra de seu país por necessidade, prioritariamente, em busca de um trabalho que possa lhe dar suporte e poder de consumo material. Ou seja, o processo de *migração* se resumiria à esfera do trabalho, às necessidades materiais, e o *migrante* seria marcado com traços fortes de pobreza material que não encontra oportunidade de subsistência em seu país, e é assim forçado a deixar sua terra natal e seguir para países mais ricos, majoritariamente, países do norte.

Goza (1992) se enquadra aqui enquanto exemplo desta forma de retratar emigrantes brasileiros nesta perspectiva acima. Primeiramente ele traça um breve histórico da economia brasileira dos anos 40 aos 80, onde houve uma ascensão desta, e a partir dos anos 80 aos 90 ela experimenta uma queda brusca, colocando o Brasil em uma grave crise econômica. Desta forma muitos brasileiros se viram obrigados a emigrar para os EUA e Canadá (o recorte da pesquisa é o fluxo migratório do Brasil para os EUA e Canadá durante a crise econômica brasileira). Segundo o autor,

[...] durante a última metade da década [de 80] cada vez mais os brasileiros emigraram para a América do Norte, principalmente com a intenção de procurar emprego remunerado e condições sociais mais estáveis do que as vigentes no Brasil. (1992: 66)

Este é um trecho exemplo da visão corrente que se tem sobre os fluxos migratórios contemporâneos, onde a “busca pela vida melhor” é sempre relacionada à busca por um trabalho estável que proporcione um padrão econômico elevado a estes emigrantes. A busca por uma vida melhor é a busca por maior poder de consumo, nestes casos.

Outro exemplo é o trabalho de Forjaz (1993), onde segundo a autora,

Sobre a atração exercida pelos países mais industrializados, a ideia contraria a noção mais difundida da "expulsão" de força de trabalho pelos países pobres. A migração atende a necessidades estruturais, das economias mais desenvolvidas à medida que os salários pagos

e as condições de trabalho oferecidas em certos setores do mercado são recusados pelos trabalhadores nativos, muito mais exigentes, organizados, escolarizados e frequentemente sindicalizados. (1993: 70)

Com estes exemplos procuro exemplificar como a figura do emigrante costumava ser retratada por esta geração de estudiosos dos fluxos internacionais. No trecho acima, os traços mais fortes da situação retratada chamam a atenção para a desigualdade estrutural produzida pelo sistema capitalista, onde o emigrante se vê obrigado a sair de seu país economicamente subdesenvolvido para procurar por trabalho nos países desenvolvidos, servindo assim de mão-de-obra barata em setores da economia que os nativos não querem ocupar.

Ou ainda, segundo o Instituto Migrações e Direitos Humanos – IMDH,

Emigração: movimento de saída de pessoas ou grupos humanos de uma região, de um país, para estabelecer-se em outro, em caráter definitivo ou por período de tempo relativamente longo. Além das causas econômicas, outras podem influenciar no desencadeamento de movimentos emigratórios, tais como questões políticas, religiosas, raciais ou ambientais.<sup>3</sup>

Este trecho demonstra, novamente, a suposta situação de fragilidade do emigrante: quando não é por motivos econômicos, ele muda-se para outros contextos “fugindo” de situações que os “expulsam” de seu país de origem. Desta forma, a maioria dos trabalhos desta geração utilizam-se da investigação dos fluxos migratórios na direção sul-norte, e limitam-se aos imigrantes que saem de seus países impulsionados pela necessidade de consumo.

Porém, os estudos mais recentes sobre os fluxos migratórios procuram retratar o sujeito emigrante de outra forma, retomando em grande parte a ideia de agência e colocando-o em uma posição de sujeito que traça suas escolhas. É uma terceira geração de estudiosos que procura trazer a dimensão da relação do sujeito com a estrutura. Aquele não é mais visto enquanto simples “vítima” desta, mas sim enquanto potencial transformador desta estrutura desigual, um sujeito pleno de estratégias e instrumentos que lhe permitem transformar a realidade ao seu redor.

Esta terceira geração propõe o conceito de *transmigrante*, muito explorado

---

3 <http://www.migrante.org.br/glossario4b.htm> Acessado em 08/08/2012.

por Basch, Schiller e Blanc, na obra *Nations unbound*, onde o conceito é definido enquanto “o processo pelo qual imigrantes forjam e sustentam relações sociais trançadas que ligam suas sociedades de origem e de estabelecimento” (1994: 7).

Na mesma linha, em seu trabalho que foca na migração *sul-sul*, Uriarte (2009) critica a limitação do modelo *sul-norte*, seu viés economicista e a pouca voz que é concedida ao sujeito migrante,

Compreender o fenômeno migratório da perspectiva de seus protagonistas significa desestruturar uma visão unidirecional e economicista das migrações, como se elas fossem provocadas unicamente por desigualdades financeiras. Isto não significa negar as variáveis econômicas e a profunda desigualdade da ordem econômica global, mas colocá-las na perspectiva daqueles que a vivenciam. O contexto destas experiências são os fluxos migratórios que fazem parte das dinâmicas complexas de um sistema econômico mundializado em que nações participam de formas diferentes e desiguais. Se o primeiro momento para compreender os processos migratórios é colocá-los em um contexto de dinâmicas demográficas gerais, também parece necessário entender o papel ativo do sujeito na gestação destes fluxos de populações.

Ou seja, mais uma vez há um diálogo com a teoria mais recente e o conceito de transmigrante, onde se faz necessário reconhecer e dar voz a estes sujeitos ativos que dinamizam os fluxos migratórios contemporâneos.

Minha concepção se aproxima mais da forma como a terceira geração trabalha os processos migratórios, por assim dizer, devido ao fato de meus interlocutores serem aqui reconhecidos enquanto sujeitos ativos que criam, constroem, modificam e trabalham os espaços *transnacionais*. Além disso, com o avanço tecnológico o imigrante passa a deter mais ferramentas que possibilitam o afrouxamento das fronteiras e estes imigrantes ganham mais possibilidades de agência.

Na pesquisa de campo a realidade com a qual me deparei se afastava em grande medida da realidade descrita pelas duas primeiras gerações. Grande parte dos meus interlocutores emigrou para Portugal ou para a Inglaterra impulsionados por outros motivos que não a necessidade financeira. Alguns queriam estudar, outros queriam respirar novos ares, outros abandonaram bons empregos no Brasil para tentarem a sorte no exterior.

Em suma, estes fazem parte de uma categoria de emigrantes, eu diria, um

tanto esquecida pelos estudos sobre fluxos migratórios, pois compõem uma porção de brasileiros pertencentes à classe média e classe média alta brasileira e emigraram por *n* outros motivos que não a busca de um emprego e estabilidade econômica, pois já possuíam estes tipos de privilégios no Brasil. Sendo assim, minha intenção com esta retrospectiva teórica é demonstrar como o uso do conceito de emigrante tem evoluído nas últimas décadas – dos anos 70 até os dias atuais – e como eu trabalho este conceito com meus interlocutores, por se tratar de um grupo diferenciado, motivados pelas mais diversas aspirações no exterior. Logo, a intenção aqui é expandir o conceito de emigrante para além das fronteiras das necessidades materiais geradas pelo sistema.

Também nesta direção, Dias (2000) tenta expandir o conceito de emigrante para além da esfera do trabalho e da economia. A autora, ao pesquisar os fluxos migratórios de cabo-verdianos, explora o conceito de emigrante da seguinte forma:

De fato, não apenas o trabalho e o sucesso econômico configuram o ideal de emigrante. Seu acesso ao mundo novo, a possibilidade de participar de um fluxo de ideias e valores entre países diversos e até mesmo o poder de causar saudade, que também dizem respeito aos que vão estudar no exterior, são fatores fundamentais na construção do emigrante como um tipo ideal. (2000: 80)

Da mesma forma, me inspirei em algumas definições de migrantes, assim como a do relatório *Who counts as a migrant? Definitions and their consequences*.<sup>4</sup> Produzido pelo Observatório de Migração da Universidade de Oxford, Inglaterra, são muitas as definições para o termo “migrante”. A definição varia de acordo com as leis locais de cada país, apesar da lei na Inglaterra não definir o termo, por exemplo. Esta definição muda a depender do conjunto de dados analisados, entre outros fatores.

“Definições do termo 'migrante' variam de acordo com diferentes fontes de dado, e entre o conjunto de dados e a lei. Entre outras possibilidades, migrantes podem ser definidos como nascidos no estrangeiro, nacionais-estrangeiros, ou

---

4 Publicado em 30/04/2012, e atualizado anualmente. Tradução: “Quem conta como migrante? Definições e suas consequências.” Acesso: <http://www.migrationobservatory.ox.ac.uk/sites/files/migobs/Briefing%20-%20Who%20Counts%20as%20a%20Migrant%20v2.pdf> Acessado às 19:47 do dia 07/08/2012.



pessoas que se mudaram para o Reino Unido por um ano ou mais”<sup>5</sup>, diz o relatório. Logo, fica claro o enquadramento dos “temporários” dentre os intitulados *imigrantes* pelos próprios ingleses.

A Divisão de Estatísticas das Nações Unidas também traz a definição do termo “imigrante de longo prazo” enquanto sendo “uma pessoa que se muda para outro país durante um período de, no mínimo, um ano (12 meses), então este país de destino se torna, efetivamente, seu país de residência. Da perspectiva do país de origem, ele/ela se torna um emigrante de longo prazo, e da perspectiva do país de destino ele/ela se torna um imigrante de longo prazo.” O “imigrante de curto prazo” é aquele que permanece menos de um ano (12 meses) no país de destino.<sup>6</sup>

A partir destas definições, percebe-se que para estes órgãos o período parece mais relevante que o motivo da permanência no país de destino. Um estudante ou aquele que emigra por qualquer outro motivo se enquadra perfeitamente dentro destas definições de *imigrante*, desta forma.

Devido à crise que devora grande parcela das economias dos países europeus, atualmente, muitos destes emigrantes estão sendo forçados a voltar para o Brasil.

Ao contrário do que se deduziria, a maior parte de meus interlocutores não deseja voltar para o Brasil, mas, provavelmente, o fará devido à crise que tem dificultado em grande medida a vida destes imigrantes no continente europeu. Retomarei esta questão no capítulo IV, ao final desta monografia.

...

Importante ressaltar que de forma alguma esta crítica ao modelo economicista contradiz o fluxo migratório justificado muitas vezes pelo argumento da dificuldade

---

5 “Definitions of ‘migrant’ vary among different data sources, and between datasets and law. Among other possibilities, migrants may be defined as foreign-born, foreign-nationals, or people who have moved to the UK for a year or more.” (Tradução minha)

6 “A person who moves to a country other than that of his or her usual residence for a period of at least a year (12 months), so that the country of destination effectively becomes his or her new country of usual residence. From the perspective of the country of departure the person will be a long-term emigrant and from that of the country of arrival the person will be a long-term immigrant.” <http://unstats.un.org/unsd/demographic/sconcerns/migration/migrmeth.htm> Acessado em 07/08/2012, às 20:25.

financeira no país de origem. Quero dizer com isso que este argumento da dificuldade de se manter no país de origem não deve ser entendido como falacioso ou menosprezado diante do outro tipo de emigração que abordo neste trabalho. O fator econômico é de destaque, entre outros, na hora da escolha do destino, não por acaso o fluxo tende a ser dos países de menor desenvolvimento econômico para os de maior desenvolvimento econômico.

Exemplifico com o caso de Cláudia. Originária do estado de Minas Gerais, ela deixou o Brasil acompanhada de seus dois filhos em busca de uma vida mais justa e mais próspera. Já trabalhava *na noite*<sup>7</sup> em sua terra natal, e deu continuidade à sua profissão na prostituição em Portugal. Morou em várias cidades, casou-se com um angolano, de quem sofreu violência física e verbal durante anos e hoje afirma não gostar “nem dos brasileiros nem dos pretos (africanos)”, separou-se do ex-marido e segue com seus filhos em sua jornada portuguesa. Desta forma, ela relatou,

Não pretendo voltar para o Brasil porque aqui a vida é mais fácil. E é mais econômica. Já me habituei aqui e não consigo me habituar lá. Foi a dificuldade de não ter nada, de não ter dinheiro. E aqui, apesar de trabalhar na noite, a gente ganha tudo do Estado<sup>8</sup>. Se não ganhar hoje, ganha amanhã.

Além disso, ela pôde desabafar sobre os abusos sofridos, inclusive, por parte dos policiais portugueses que a subornaram: em troca de não prenderem-na por estar ilegal, à época, ela teve de “*ficar com eles*” durante a batida policial. Depois dos “favores sexuais”, eles a liberaram.

Flaviane, 33, carioca e negra (duas características recorrentes na formação do estereótipo da brasileira em Portugal), deixou o seu país, principalmente, por razões financeiras e foi para Portugal em busca dos tão especulados *euros*. Casou-se com um são-tomense com quem teve um filho. A família divide o apartamento onde vivem com o irmão de Flaviane e com Paula, outra brasileira. Flaviane e Paula já se conheciam desde que moraram em Natal. Como me disse Flaviane,

---

7 Categoria abrangente que pode envolver desde animação e dança em casas noturnas, passando por acompanhantes, e até prostituição.

8 Referindo-se aos auxílios do governo, parte da política de bem-estar social (*welfare state*) praticada pelos Estados europeus.

Estou cá em Portugal há 5 anos. [...] A vida não é fácil, não é fácil em qualquer lugar, se eu estivesse perto da minha família também não seria fácil. Aqui eu acho que a gente por estar mais sozinha aprende a resolver nossos próprios problemas. Quer dizer amadurece mais. Você tem mais noção do custo de vida, da sua cultura o quanto ela é abrangente e o quanto ela não é. É importante você saber lidar não só com pessoas do seu país, da sua nacionalidade, não, você tem que saber lidar com todos os tipos de pessoa. [...] A gente aqui sabe que a gente só pode contar com a gente mesmo. Minha mãe não é minha vizinha, minha tia não mora a dois quilômetros. Ou eu sou firme ou eu sou madura no que eu estou a fazer, to dando um passo firme ou eu vou acabar mesmo mal. Então aqui tira aquela visão do exterior que a gente tem, que lá fora tudo é maravilhoso. A vida aqui também é sofrida como é também no Brasil, e como é em outro local qualquer. A gente aprende a lidar com situações da vida que a gente pensava que não existia, mas existe.

Em suma, estes casos não são exceções dentre as histórias de imigrantes, são sim muito recorrentes, porém o foco neste capítulo foi demonstrar como a categoria *emigrante* me parece muito mais abrangente do que muitos autores, recorrentemente, a definem, de forma limitada, visando apenas fatores econômicos e eternizando a visão do emigrante *sulista* que só sai de seu país em busca das riquezas do *norte*. Como se estes deixassem seus países, unicamente, a contragosto, pois lá estariam suas raízes fixadas. Este discurso me aparece como uma forma de naturalização destas raízes: a figura do indivíduo que pertence à sua terra natal e lá deve permanecer para ser pleno.

## Capítulo 2 - A vida no exterior

### 2.1 - Contextos de Loughborough e Londres



Figura 1

Neste item pretendo retratar, de forma breve, os contextos de vivência dos brasileiros com quem tive contato em Londres e em Loughborough.

Grande parte dos brasileiros que vão para a Inglaterra estudar inglês ou realizar estudos em universidades escolhem residir no interior do país para poderem viver com um mínimo de conforto e gastando menos do que se gastaria em Londres. Isto no caso dos brasileiros que transitam entre as classes mais altas ou aqueles que não pensam em voltar para Brasil, que é o caso, por exemplo, dos brasileiros que se casaram com ingleses e optaram por permanecer na Inglaterra.

Já os brasileiros oriundos das classes mais baixas, geralmente optam por continuar em Londres trabalhando e mantendo vários empregos para conseguirem sobreviver e juntar uma quantia razoável de libras para retornarem ao Brasil. Geralmente, estes dividem a moradia com muitos outros na mesma situação.

A vida de um imigrante brasileiro em cidades como Loughborough, no interior da Inglaterra, é marcada muitas vezes pelo tédio, falta do que fazer em termos de lazer e até mesmo depressão devido ao tamanho da cidade e à vida pacata que se leva, juntamente com o frio e a chuva durante boa parte do ano.

A cidade é muito pequena, com mais ou menos 40 mil habitantes, em sua maioria universitários de várias partes do globo. Asiáticos, africanos, latino-americanos, europeus, que migraram para a Inglaterra em busca de uma experiência no exterior e um ensino de boa qualidade. Na pequena cidade existe uma rede social muito coesa entre os brasileiros que lá habitam. Estes costumam se reunir nos pub's da cidade, ou viajar para outras cidades inglesas, para momentos de lazer. “Estar entre 'iguais' permite que o Brasil seja a moeda corrente das relações sociais” (Fleischer, 2001).

A fácil locomoção pelo país, devido à grande oferta e ótima qualidade dos meios de transporte, é um aspecto que costuma agradar os brasileiros que moram nas cidades inglesas. Existem linhas ferroviárias e rodoviárias muito desenvolvidas e em ótimas condições que facilitam a vida de quem quer viajar e conhecer as belezas do país.

Loughborough se diferencia bastante de cidades grandes como Londres ou Liverpool, por exemplo, pela pouca variedade de programações para se desfrutar durante os momentos livres. Ivone, casada com um inglês, teve de se mudar para a Inglaterra e revelou-me a “terapia” que praticou para se adaptar à vida em “Lufbra” (como é pronunciada pelos ingleses),

Eu vim de São Paulo, para mim foi terrível, saí de lá para vim morar em Loughborough, me senti totalmente perdida. Os horários também, shopping aqui fecha 5pm, em São Paulo é 24hs. Você pode ir em qualquer lugar a qualquer hora fazer qualquer coisa, aqui não, chega domingo você não encontra nada aberto então é essa dificuldade. E eu não conhecia ninguém quando cheguei aqui, e uma coisa que me ajudou foi a cultura aqui de jardinagem é muito rica, e meu marido estudou horticultura, então eu aprendi muita coisa, aprendi a lidar com planta, a jardinagem foi minha terapia no primeiro momento.

O clima também se diferencia um pouco, em Loughborough, as temperaturas tendem a ser menores quando comparadas à Londres, tanto pelo fato da latitude

quanto pelo fato da diferença de tamanho destas cidades. A primeira, localizada no centro-norte da Inglaterra retém menos calor, menos poluição, tem menos habitantes, ao contrário de Londres que é uma metrópole super agitada, centro turístico, e mais poluída em todos os sentidos.

Os comentários destes imigrantes brasileiros a respeito do clima na Inglaterra são pertinentes, pois este é fator de muita reclamação por parte destes, e fonte de depressão para muitos, inclusive para os ingleses. Amélia comenta,

Para mim o problema é mais o clima, não por causa do frio, mas por causa do céu que fica cinza, fica *grey sky*<sup>9</sup>. Isso afeta todo mundo, mesmo eles (os ingleses). Meu namorado falou que quando fica cinza lá fora, é difícil trabalhar, ficam mais desmotivados. Mas quando está sol eles ficam mais felizes, mais motivados, eles pensam *'na hora que eu sair daqui vai dar para fazer alguma coisa, vai dar para ir para o pub!'*. Mas quando está cinza eles ficam mais irritados, mais impacientes, ficam *bad mood*<sup>10</sup>.

Um outro detalhe é que se o imigrante pretende ter mais contato com ingleses é aconselhável que este se direcione para o interior, pois Londres, além de ser uma região muito cara, não é o melhor lugar para se interagir com ingleses. Cidades como Lufbra, aparentemente, são mais preservadas no sentido de que é mais confiável afirmar que a maioria de seus habitantes são ingleses. Eu não afirmaria o mesmo com relação à Londres.

O custo de vida na Inglaterra é altíssimo, principalmente se a moeda usada nas trocas não for tão valorizada quanto a libra ou o euro. Por exemplo, para se viver dependendo de conversão de reais para libras é a mesma coisa que dividir suas reservas por quase três. Sobra apenas um terço de suas economias para se gastar em libras, tamanho o peso desta sobre o real. Esta é a solução para aqueles brasileiros que não estão trabalhando na Inglaterra e precisam gastar suas reservas de reais.

Como relata Ícaro, que reside em Londres, “acho que o mais difícil é o fator dinheiro, as coisas aqui são muito caras, especialmente o transporte e o aluguel”. A princípio, Ícaro foi para Londres fazer curso de inglês, mas já estava sentindo o peso do padrão local e resolveu procurar por emprego, como acontece com a maioria dos

---

9 “céu cinza”

10 “mau humor”

estudantes que vão passar pelo menos seis meses mas acabam querendo ficar mais. Já aqueles que casaram com nativos, como são os casos de João, Amélia, Everaldo e Ivone, acabaram preferindo morar na Inglaterra enquanto for possível, como ficará mais detalhado no IV capítulo.

## 2.2 - Contexto de Porto

A vida em Portugal se difere em muitos fatores da vida na Inglaterra. A começar pelo fato de que Portugal sempre foi parte da periferia europeia, não tem a fama e a riqueza econômica que a Inglaterra tem – apesar de sua fase áurea durante a expansão marítima, nos séculos XV e XVI, e os diversos países colonizados através deste fenômeno.

Em Portugal o clima é mais ameno se comparado ao clima inglês, e existe uma maior facilidade para um brasileiro se comunicar, claro!

A cidade pesquisada foi Porto, e pude conversar com alguns brasileiros com quem tive contato em Lisboa. Porto é uma cidade ao norte de Portugal, com cerca de 1,7 milhão de habitantes, em sua região metropolitana. É uma cidade relativamente grande, e de grande importância para o país. Porto recebe todo ano grande fluxo de intercambistas e turistas do mundo todo. Seu grande atrativo é a visita às caves do famoso vinho do Porto, que se situam à margem do rio D'ouro.

Figura 2



Segundo dados<sup>11</sup> do Ministério das Relações Exteriores – MRE, em 2007, cerca de 160 mil brasileiros residiam em Portugal. O equivalente a 4.84% da população de emigrantes brasileiros. O que mais parece dinamizar a imigração em Portugal é o fator linguístico, ou seja, a maior parte de seus imigrantes são provindos de ex-colônias portuguesas (a maior comunidade de imigrantes em Portugal é a cabo-verdiana), que por terem maior facilidade de comunicação acabam emigrando para o país. Há também, grande número de imigrantes provindos do Leste-europeu, onde em muitos países a economia pós-comunismo ainda está por se desenvolver dentro do sistema capitalista.

Importante lembrar que Portugal, um país periférico da UE, continua sendo um país de emigração, pois muitos portugueses das classes baixas procuram trabalhos sazonais nos países mais ricos da União Europeia. (Machado, 2004)

Ao contrário de Loughborough, Porto tem uma diversidade de atrações para todos os gostos. Os imigrantes lá já não sofrem com a falta do que fazer como na pacata cidade inglesa. Já citada acima, o caso de Diana me apareceu peculiar. Diana é uma travesti que conheci na fila de um dentista brasileiro, em Porto. Ela estava acompanhada de seu melhor amigo em Porto, um alfaiate brasileiro. Começamos a conversar na fila do dentista e eu expliquei à ela que estava fazendo uma pesquisa com imigrantes brasileiros, e ela logo se dispôs a participar. Me passou seu telefone e liguei alguns dias depois. Marcamos em sua loja. Ao chegar lá, me deparei com uma placa onde se inscrevia: joga-se búzios. Já fiquei admirada. Quando entrei na loja vi uma variedade de produtos que ela vendia. De detergente, passando por roupas diversas até chegar nos cosméticos da Natura. No final da sala encontrava-se Diana sentada e encostada sobre sua mesa onde jogava os búzios quando havia clientes. Ela passava maior parte do tempo entediada e solitária em sua loja.

Ela está em Porto há 4 anos, é mineira mas morou em São Paulo maior parte de sua vida. Em Porto teve dificuldades em conseguir um emprego pelo fato de ser

---

11 Retirados do relatório *BRASILEIROS E BRASILEIRAS NO EXTERIOR* Apresentação de dados recentes do Ministério das Relações Exteriores, de Roberto Marinucci. No site [http://www.csem.org.br/2008/roberto\\_marinucci\\_brasileiros\\_e\\_brasileiras\\_no\\_exterior\\_segundo\\_dados\\_do\\_mre\\_junho2008.pdf](http://www.csem.org.br/2008/roberto_marinucci_brasileiros_e_brasileiras_no_exterior_segundo_dados_do_mre_junho2008.pdf) Acessado em 29/09/12.



travesti, então ela conseguiu poupar dinheiro e abrir sua loja. Ela morou na Espanha, e diz que adorou, pois os espanhóis são mais “mente aberta”, e mesmo no Brasil, ela diz que já trabalhou de doméstica, e em uma pastelaria em Santo Amaro. Na Espanha ela trabalhava limpando a casa de uma espanhola. Porém, por conta de um “mal entendido com uma outra brasileira” ela teve de se mudar para Porto. Ela diz não gostar de Porto. Ela trabalha a semana inteira e aos finais de semana, quando há possibilidade, ela vai para uma casa noturna perto de sua casa, onde se diverte com alguns amigos portugueses e brasileiros.

Esta é a rotina de maior parte dos brasileiros com quem tive contato em Porto: trabalho, casa, trabalho. Não podem se dar ao luxo de gastar demais com lazer e ficam maior parte do tempo livre em casa. Ao contrário do Brasil, onde havia, pelo menos, a família e aos amigos inseridos em sua rotina, o que a tornava mais leve e menos solitária.

De fato, em Porto há mais opções de lazer, porém isso não significa que estes imigrantes brasileiros, com quem tive contato, possam desfrutar desta diversidade, justamente pela falta de condições e tempo. Rosa, 40, mulher de Wesley, me contou com indignação sobre sua rotina,

Eu fico mais em casa, quando saio é para levar o menino [filho] no parque para brincar. Mas a gente mesmo? Assim, sair? Vamos ao cinema. Dançar? 'que que é isso?', nem sei mais o que é dançar. No Brasil a gente tinha outro padrão de vida, outro trabalho, outro salário. Tínhamos o convívio com os outros, final de semana íamos na casa de fulano fazer tal coisa, nem que fosse um cafezinho no final da tarde. Eu não sei te dizer como é passar esta dificuldade que a gente passa aqui, porque lá no Brasil eu nunca passei. Tinha a casa da minha mãe, do pai.

Ou ainda, como Bruna me relatou: “viver longe das pessoas de quem se gosta não é vida”. Bruna é uma brasileira, atendente da agência do Banco do Brasil em Porto, que deixou sua terra natal, para acompanhar seu marido, que foi a trabalho para Portugal. Ela pretende voltar em breve para o Brasil, juntamente com seu marido.

Estes são casos paradigmáticos que permitem retratar de forma mais viva, para o leitor, em que consiste a vida de muitos destes imigrantes em Porto.

## 2.3 – Disputas e solidariedades no mercado de trabalho.

Nesta esfera da busca pelo trabalho no exterior, um tom diferenciado que me chamou a atenção na voz dos meus interlocutores, e merece análise, foi com relação às disputas que surgiam entre os brasileiros neste meio competitivo. Mas não foi o fato isolado de haver disputas neste meio que me despertou a curiosidade, mas sim as afirmações dos imigrantes no sentido de que no Brasil os brasileiros seriam mais solidários uns com os outros, enquanto nestes contextos de migração estes se tornariam mais hostis e competitivos, como as falas a seguir propõem:

Mas já tive problemas com outras brasileiras *cleaners*, com o olho gordo, que pegam mais de uma casa por dia e te pegam para ajudar, brasileira mesmo, da mesma categoria! Pega uma casa, pega outra casa no mesmo dia, mas não dá tempo de limpar sozinha, porque a casa é grande. Então você vai ajudar, mas elas te pagam menos, te colocam para trabalhar mais, te tratam mal. Porque você não fala a língua te tratam como inferior. Eu achava isso ridículo, e esse tipo de amizade eu não tenho, nem tenho mais contato. [...] Isso é uma coisa ruim que tem aqui, eu sinto com os brasileiros aqui fora. É uma coisa ruim, trabalham na mesma área que você trabalha, mas não são seus amigos. É esquisito, não tem aquele calor humano, também não te maltratam, mas podem te passar uma rasteira. As vezes você indica uma pessoa que você conhece, e ela nunca mais te liga. Já aconteceu várias vezes aqui. (Bárbara, Inglaterra.)

Outra coisa que se verifica e para qual eu não encontro explicação e foi um dos motivos que me trouxe para a sociologia, porque eu quero pesquisar é a desunião dos brasileiros fora do país. Esse é meu interesse. É o que eu sinto, há uma desunião muito grande. É quase que incompreensível, você nota que os imigrantes de outros países eles se unem. E o brasileiro que de nome é um povo muito solidário, aqui eu não sei o que acontece. Acho que o brasileiro é muito mais solidário no próprio país. (Rosa, Portugal)

Os brasileiros aqui são muito falsos, são os primeiros a apunhalar a gente pelas costas. Fora do Brasil eles são o demônio. Tive uma decepção aqui com uma brasileira que me deixou sem o dinheiro da renda e foi embora. Quem me ajudou foi uma senhora portuguesa. Só tenho um amigo brasileiro aqui, porque ele que faz minhas roupas, enfim. Mas acredito que isso seja fruto da ganância. Mais vale lidar com um português com toda falsidade que eles têm do que com um brasileiro, pelo menos eles [portugueses] são daqui, né. (Diana, Portugal)

São relatos que me fizeram refletir sobre a máxima do senso-comum a respeito do “brasileiro muito receptivo e muito solidário”, generalizações que são

muito comuns nos discursos que tentam pintar um “brasileiro muito amigável”. Mas eu me pergunto agora: até que ponto existe este brasileiro “solidário no Brasil e hostil no exterior”? Não seria a situação de vulnerabilidade do imigrante que pintaria com cores fortes o brasileiro que antes ele não enxergava por estar em uma posição confortável, pré-migração?

Muito arriscado seria da minha parte assumir este brasileiro genérico e exotizado sem antes passar por um estranhamento de mim mesma enquanto brasileira retornada.

A depender do ângulo, não sei se enxergo com facilidade este povo super-solidário quando em solo brasileiro. Assim como da mesma forma não creio em uma hostilidade naturalizada dos imigrantes brasileiros. Esta figura traçada pelos imigrantes é situacional, ou seja, é relativa. Me aparece muito mais como fruto de um estranhamento do tipo antropológico, onde estranha-se o familiar quando o contexto lhe é modificado.

Quero dizer que, talvez, estes imigrantes, ao relatarem as fortes disputas e desavenças entre brasileiros no contexto internacional, simplesmente não percebiam de forma tão nítida que mesmo no Brasil, quando aqui se encontravam, já existiam estas disputas diante do mercado de trabalho, entre outros espaços relacionais. Porém, como esta rotina já era familiar, ela era naturalizada e nem mesmo percebida de forma tão intensa.

Já no contexto internacional, onde estes imigrantes estão mais sensíveis a qualquer “falta de consideração” de um conterrâneo o impacto é maior, pois admitia-se que nesta situação haveria de existir maior solidariedade entre os brasileiros. Esta é uma suposição ingênua quando se trata de um contexto migratório onde a disputa por espaços é tão ou mais feroz quanto em seu país de origem, onde a vida já não lhes parecia muito satisfatória.

Fleischer nos relata, a respeito de sua pesquisa entre as *housecleaners* brasileiras nos EUA, que

Assim, não podemos pressupor que só pelo fato de estarem em um cenário migratório multiétnico, os brasileiros vão necessariamente ser unidos devido a sua identidade nacional nem vão ter uma identidade nacional homogênea

e constante. Os conflitos mostram que nem sempre ser brasileiro é a parte mais forte da identidade. (2001: 15)

Ou ainda, Martes, em sua pesquisa sobre brasileiros em Massachusetts,

A confiança é fruto de um cálculo sobre a possibilidade de que a conduta do outro não será oportunista porque tal comportamento poderá ser desvantajoso também para ele. A solidariedade, assim como a confiança, refere-se à construção de relações entre grupos e pode, portanto, envolver também os interesses. (Macedo, 1998 apud Martes, 1999: 111)

Um ponto fundamental para entender a forma como estes brasileiros se inserem no mercado de trabalho português é o fato de que muitos donos de estabelecimentos comerciais preferem muito mais um brasileiro a um português no momento de contratar. Estes não são casos isolados, quando se anda pelas ruas de Porto, ou Lisboa, é muito mais visível os brasileiros e africanos trabalhando atrás dos balcões se comparado ao número de portugueses ocupando estas posições.

“Brasileiros e africanos são empregados como fonte de mão-de-obra barata e abundante em Portugal. Se concentram no comércio, restauração e hotelaria.” (Diário de campo, 01/07/11)

Machado explorou este universo do trabalho entre os imigrantes e conclui que “um pressuposto básico para conseguir emprego é ter que se encaixar num modelo de *brasilidade* específico (ser alegre, comunicativo, submisso), esse exercício de subordinação a modelos simbólicos”. (2004: 261)

Os brasileiros têm mesmo mais facilidade em conseguir trabalho no contexto português. Os donos de estabelecimentos comerciais dão preferência ao brasileiro por acreditar que este tem mais facilidade em lidar com os clientes. O “brasileiro” tem mais facilidade em se comunicar, em ser simpático, sempre sorridente e muito esforçado. Segundo Paula,

[...] aqui você não pode trabalhar na sua área, tive de trabalhar na restauração, a área onde a maioria dos brasileiros trabalha. E era muito puxado, então tive de deixar os estudos para trabalhar. [...] Era relativamente fácil conseguir emprego na área que eu trabalhei. Eles gostam da forma que o brasileiro trabalha, do jeito do brasileiro, mais abertos mais simpáticos. E por serem imigrantes eles se dedicam mais do que o português, que muitas vezes não estava nem aí, e o brasileiro se dedica. Isso foi em 2004. Com esta crise, talvez esteja mais complicado.

A pesquisa de Machado (2004) é uma boa referência na busca da compreensão de como cristaliza-se esta identidade do brasileiro solidário, alegre, aberto, sensual em meio à construção dos espaços destes imigrantes em contexto internacional.

...

A descrição destes espaços nos possibilita primeiramente, formar uma imagem do cenário onde as relações destes imigrantes se desenvolvem. É a partir deste plano de fundo que poderá se formar uma imagem mais completa dos espaços de socialização onde se processam as interações entre brasileiros e entre estes com os nativos, suas dinâmicas de integração ou exclusão, assim como os processos de estigmatização.

### Capítulo 3 - Integração e estigma do estrangeiro.

Este capítulo tem por objetivo principal a exposição e a análise dos contextos e processos de integração e estigmatização vivenciados por meus interlocutores cotidianamente. Muitas são as falas que exemplificam os casos onde a ausência do domínio da língua e/ou a própria condição de *estrangeiro* são retratados enquanto fatores de desintegração na sociedade receptora. Ou seja, com o passar do tempo de imigração, estes brasileiros vão aprendendo a *jogar* com estes instrumentos, de acordo com os contextos dos dois países em questão, Inglaterra e Portugal, na tentativa de obterem determinado sucesso e serem “aceitos” pela sociedade nativa.

A dificuldade em se integrar estando na posição de imigrante é uma barreira que torna a vivência do imigrante ainda mais solitária. O imigrante carrega consigo a insígnia estigmatizante do *estrangeiro* que se encontra em outro país, que não o dele explorando os benefícios de fixação garantidos pelo Estado-nação, no caso dos países europeus com seus programas de *bem-estar social*. No imaginário de muitos nativos, o imigrante está ali “de favor” ocupando um espaço que é seu [do nativo].

O discurso de muitos nativos vai nesta direção: do *imigrante* intruso. Aquele que não deveria estar ali, mas está e ocupando um espaço que não é seu, e da mesma forma usufruindo de recursos dos governos locais.

Quando lanço mão do conceito de estigma, o faço baseando-me no trabalho de Goffman (1988), no qual o autor define *estigma* enquanto um atributo profundamente depreciativo moldado através das relações sociais onde um lado é depreciado com relação ao outro “normal”. Nas palavras do autor, “estigma é a situação do indivíduo que está inabilitado para a aceitação social plena.” (1988: 4)

O autor começa sua obra traçando um breve histórico de como surgiu o termo e os significados atribuídos a ele com o passar do tempo. Na antiguidade, os gregos atribuíam o termo aos sinais corporais que procuravam mostrar alguma coisa sobre o status moral de alguém, como por exemplo cicatrizes ou marcas que podiam denunciar a situação de escravidão de um indivíduo. Já na Era Cristã, duas outras atribuições foram acrescentadas ao termo. Primeiramente, o estigma corporal

passou a ser visto como possível sinal de graça divina, e em segundo lugar, podia ter uma conotação médica de distúrbio físico. Atualmente, o termo pode fazer alusão tanto ao seu sentido original, como pode ser utilizado para se referir à própria condição de “desgraça” de alguém. (Goffman, 1988)

O estigma que os países em desenvolvimento carregam está fortemente presente na situação em que um imigrante proveniente de um destes países se desloca para um país desenvolvido. Quando o contrário acontece, um europeu, por exemplo, sai de seu país na Europa ocidental e vai para um país “do sul” ele dificilmente sentirá o peso do estigma de ser imigrante, como o sente aquele imigrante que percorre o sentido inverso. Interpreto este tipo de situação como forma de um preconceito que incorporamos naturalizando a ideia do *sulista* potencialmente imigrante nas “terras do norte”.

Em sua tese, Uriarte (2009) etnografa um caso específico de migração do tipo sul-sul para nos trazer a discussão levantada, inclusive, por Delgado (2003) sobre como ocorre a construção do conceito de imigrante de acordo com os fluxos migratórios e suas direções. Uriarte utiliza-se, desta forma, da categoria de *imigridade*, muito trabalhada por Delgado. Através da análise desta categoria, de extrema importância para se entender como ocorre a atribuição de estigmas a determinados grupos de imigrantes, observa-se como o próprio conceito social *imigrante* é manejado de acordo com os tipos de estrangeiro como em um *degradê*. Por exemplo, um imigrante muçulmano é mais facilmente catalogado como um imigrante residindo em terras britânicas, do que um inglês residindo na Alemanha, que tenderia a ser visto apenas como mais um *estrangeiro inglês*, ou algo do gênero, mas não enquanto um *imigrante inglês*. Isto se dá justamente pelo caráter estigmatizante da categoria *imigrante*. Ou seja, naturaliza-se o discurso globalizado do imigrante enquanto sendo, primordialmente, africano, latino-americano, asiático. Naturaliza-se a categoria no sentido sul-norte, mas não se faz muita menção à emigração no sentido inverso, ou seja norte-sul. Mas sobretudo, relaciona-se o conceito à suposta necessidade econômica dos países em desenvolvimento em relação aos países desenvolvidos.

Na história e na cultura brasileira, a imigração de europeus, no século XX, foi

de grande importância econômica, sem dúvida. Estes trabalharam em condições precárias em solo brasileiro, nas plantações de café e de uva – principalmente nas regiões sudeste e sul do país - onde se instalaram fugindo da guerra e da miséria que assolou o continente europeu na época. É curioso observar os impactos que esta imigração teve no imaginário dos brasileiros. Todos que têm um “Q” de europeu em sua descendência se orgulham bastante do fato. É questão de *status*.

Ter descendência europeia pode render direitos em solo europeu. Ser branco e ter um par de olhos azuis é sinônimo de *status* na sociedade brasileira. Será que o imaginário de nossa sociedade dá a mesma importância e status para as suas origens negras e indígenas? A questão é mostrar como estas relações de poder e a forma hierárquica destas genealogias se organizam e se perpetuam socialmente. A mesma questão pode ser representada desta maneira: o que significa ter descendência alemã ou italiana no Brasil e o que significa ter descendência brasileira na Alemanha ou na Itália?

Para o Brasil a imigração europeia significa orgulho, aparentemente. Para a Europa ocidental, a imigração *sulista* representa um problema e demanda controle. E qual seria a melhor forma de interpretação do período atual, onde milhares de europeus se deslocam em direção ao “sul em desenvolvimento”? É no mínimo subversivo pensar no “norte desenvolvido” indo buscar refúgio no sul ainda “em desenvolvimento”.

Assim aqueles que possuem vários atributos sociais negativos são mais facilmente identificados como mais imigrantes que outros. Desta forma o estigma se projetará mais delineadamente naqueles mais diferentes em termos de cultura, religião, classe, raça (Uriarte, 2009).

Portanto, a noção de *imigridade* ajuda a esclarecer que o conceito de imigrante é relacional, logo contextual. Pois voltando ao caso dos alemães e italianos no Brasil, no século passado, neste contexto eram vistos enquanto imigrantes, pois se encontravam em situação de fragilidade, de pobreza. Atualmente, um alemão estando em uma situação confortável e se mudando para o Brasil, não seria tão imigrante quanto o era no século passado, fugindo da guerra, de acordo com a categoria de *imigridade*.



O estigma do imigrante dificulta sua vida principalmente no processo de integração. Sem muitos recursos, sem muitas amizades, os imigrantes brasileiros no exterior, presos em suas rotinas baseadas no trabalho e no *poupar dinheiro*, passam por muitos momentos de monotonia e depressão. Enquanto no Brasil podiam partilhar de momentos agradáveis com seus amigos e familiares, mesmo se fosse para um lanche na casa de um ou um almoço na casa de outro, sempre havia programação para evitar o tédio e a tristeza.

Em terras estrangeiras a vida do imigrante muda de figura. Segundo Rosa,

Eu não me sinto inserida até hoje. Eu ainda penso 'Meu Deus, o que eu estou fazendo aqui?' A gente não tem oportunidade. Aqui se você não tem dinheiro você não faz nada. Não é que nem no Brasil que na cidade onde eu morava e conhecia o Sr. da mercearia, conhecia não sei mais quem, e se você não tinha dinheiro hoje você levava e pagava amanhã. Aqui não tem isso, não tem dinheiro não leva. [...] As vezes você vê na empresas, tem chefes que não têm o mínimo de capacidade para estar naquele cargo, mas a gente não tem oportunidade aqui. [...] Se você reclama, eles perguntam 'o que você está fazendo aqui? Aqui não é a terra de vocês!'.

Esta fala revela um aspecto de muita importância para se refletir a respeito da integração destes imigrantes no contexto de Porto. Mesmo com a experiência que Rosa tem – por ter sido funcionária do Banco do Brasil – ela se sente excluída do campo das oportunidades de melhores cargos no mercado de trabalho em Porto. De sua fala pode se inferir seu sentimento de capacidade para exercer uma função de chefia muito melhor que muitos dos chefes que estão atuando em algumas empresas. Deste ponto de vista, ela estaria apta a administrar com competência um setor de comandos que se insere na *pauta cultural* do contexto de Portugal.

Em sua pesquisa sobre a integração e mobilidade social de imigrantes cabo-verdianos e hindus em Portugal, Abranches e Machado (2005) tratam a integração social enquanto um processo limitado marcado por continuidades e rupturas com relação à sociedade receptora. Creio que este modelo pode ser usado para o entendimento da dificuldade de integração dentre os imigrantes brasileiros em Portugal. Segundo os autores,

A formação de uma nova categoria de reformados tendencialmente pobres marcará fortemente o futuro da imigração em Portugal a médio prazo,

colocando problemas novos em termos da integração social de imigrantes. Trata-se de uma realidade que não pode senão crescer. Por um lado, como se vê, não há nenhum automatismo entre passagem à condição de reformado e regresso ao país de origem. A sedentarização de imigrantes, embora mais forte nas gerações de descendentes, também é um facto entre os mais velhos da primeira geração. Por outro lado, porque muitos destes imigrantes, por via de salários baixos ou de trajetórias contributivas irregulares, ou pela acumulação das duas coisas, têm ou virão a ter pensões de reforma magras, ficando, portanto, do ponto de vista dos rendimentos, e por via dos mesmos processos, em condição semelhante à de muitos idosos autóctones. (2005:77)

Ou seja, o problema da integração de imigrantes em Portugal tende a se estender a ponto de marcar a velhice destes reformados, reproduzindo a exclusão social: não tendo oportunidade de se desprender do setor secundário do mercado de trabalho no país de fixação, nem tendo retornado ao país de origem, ficam presos à situação de precariedade da imigração local, mesmo quando se tratando de imigrantes qualificados.

Schutz, ao trabalhar sua noção de *estrangeiro* e as tentativas de integração deste com o grupo onde se insere, apresenta o conceito de *pauta cultural*<sup>12</sup> ou *padrão cultural*<sup>13</sup> de um grupo que define a organização do grupo e a forma de vida de seus nativos. O autor explorará a forma como eles “vivem” e a forma como o estrangeiro se insere dentro deste grupo. E por não ser parte nativa dele, o estrangeiro terá o privilégio de refletir sobre este grupo e sua pauta cultural (Tavares, 2001).

Com a noção de *pauta cultural* subentende-se a necessidade do imigrante ter um mínimo de conhecimento sobre aquele grupo no qual ele se insere. Desta forma o leque de possibilidades se expande na tentativa de integração neste grupo.

No caso de um brasileiro na Inglaterra são muitas as estranhezas com as quais o imigrante se depara no reconhecimento do grupo. Muitos são os relatos sobre o hábito inglês de organização, ou da forma como os ingleses são muito educados ou ainda relatos sobre a forma diferenciada de como o “típico inglês” se relaciona com questões de higiene e limpeza.

Como relata Iago,

---

12 Tradução em Tavares (2001).

13 Traduzido por Duarte e Hanke (2010).

O que é interessante é que existiram algumas barreiras, questões culturais mesmo. Por exemplo, eu jamais, com meus colegas ingleses, posso desmarcar um compromisso que eu tenho agendado com eles. Se eu tenho agendado com eles tal horário é tal horário. Se eu atrasar um pouquinho já é um problema, porque isso é falta de respeito para eles, falta de consideração. Para nós brasileiros isso é normal. E eles vão falar 'todo latino chega atrasado!' [...] Hoje eu respeito isso e fiquei um pouco inglês nesse sentido! [...] Isso independente da idade, eles planejam tudo com, no mínimo, uma semana de antecedência. Eles são extremamente organizados, todos têm diários, agendas, a galera mais jovem vai ter no celular! [...] Uma coisa eu acho fantástica aqui é o vínculo de amizade, quando eles são amigos, eles são amigos mesmo. Eles beijam, abraçam, os homens! Acho que a gente é machista, coisa da cultura latina mesmo. Porque aqui os homens se beijam e se abraçam, não tem tempo ruim!

Ou ainda, segundo João, “dos sete anos que eu estou aqui eu nunca cheguei atrasado, chegava 20, 30 minutos antes, mas atrasado nunca! Por que? Por causa da nossa fama [de latinos atrasados]!”.

As falas deixam claro a existência de um esforço em se adaptar ao padrão do “outro”, no caso o inglês, assim como existe o estranhamento de si mesmo presente quando ambos falam sobre a suposta fama do “latino atrasado”, ou ainda quando Iago fala do machismo dentro de *nossa* cultura. Frutos do estranhamento de *nossa* própria *pauta cultural* diante da “outra”.

Só desta forma, com o esforço em se adaptar à pauta local, a integração com a comunidade de Loughborough pareceu mais viável para estes imigrantes. Foi preciso um esforço em se desvincular dos velhos hábitos *latinos* e parecer mais familiar aos olhos dos nativos ingleses.

Um fenômeno observado durante a pesquisa de campo foi uma quantidade significativa, dentro da minha amostra de interlocutores, de brasileiros que emigraram definitivamente para a Inglaterra ou Portugal para casarem-se com nativos ou os conheceram durante seu período de estadia e algum tempo depois resolveram casar-se. E esta é uma questão interessante a ser pensada quando analisa-se as formas de integração destes imigrantes, pois observei que boa parte deste processo é facilitado com o casamento de um imigrante com um nativo. Desta forma, este imigrante é acolhido por uma instituição familiar no exterior: a família de seu cônjuge.

Como Lúcia, residente em Porto, relata,

No início não [me achava integrada]. Eu fui me integrando quando eu casei com um português, e depois que nos separamos eu voltei à estaca zero. Porque [o marido] era o único elo que me ligava a eles [portugueses]. Agora, realmente não me sinto ligada a nadinha, nada aqui.

Segundo Schutz (2010), o processo de adaptação e indagação de um estrangeiro perante uma *pauta cultural* é uma etapa a ser superada. Quando este conhecer e acima de tudo compreender esta pauta, tornando-a inquestionável, este já não será mais visto como um estrangeiro. Mais adiante, ficará mais clara minha posição diante desta ideia de “superabilidade” da pauta cultural. Por ora, o usarei aqui enquanto instrumento de análise dos dados que se referem ao esforço de superação da *pauta cultural* no contexto de vida destes imigrantes que se casam e constituem uma família no exterior. Por exemplo, no caso de Nilson, que casou-se com uma portuguesa após mudar-se para Porto. Ele conta,

Eu me considero integrado, eu tenho quatro filhos, os quatro portugueses, e só isso já me obriga a ter uma integração muito grande para entender a cabeça deles, e até problemas que tenham na escola ou não. Eu tenho que fazer uma gestão da minha estrutura brasileira para uma estrutura portuguesa. Por exemplo, até um tempo atrás, uma criança tomar um estalo (um tapa na cara), que na cultura brasileira é impensável, na cultura portuguesa é normal, e até eu digerir isso [...] Mas isso é cultural, eu tive de perceber isso. [...] As meninas adoram dar tapa na cara dos rapazes, é uma demonstração de carinho [risos].

Fica ainda mais claro a relação *integração x família* na fala de Paula, também em Porto,

Quando um brasileiro chega aqui porque vai casar com um português, por exemplo, a integração soa diferente porque ele está entrando em uma família. Tá ali no seio de uma família, deste jeito é muito mais fácil de se integrar. Mas quando você vem sozinho ou com outro brasileiro, é muito difícil você encontrar uma brecha, mesmo para trabalhar. E este é outro fator, você vive do trabalho, você não tem tempo para fazer outras coisas, você está cansado, e você não tem dinheiro, também. E eu percebo que aqui as pessoas não dão brecha, então a maioria dos brasileiros fazem amizade com outros brasileiros. Então se você não está inserido em uma família...

Rosa se lembra, em tom de brincadeira, de sua chegada em Porto, e de como

foi seu processo de integração,

Sim, sim, já estou integrada. Foi extremamente doloroso. É preciso ver a época em que cheguei, 1980, Portugal não era nada disso que hoje se vê. Estava muito atrasado. Só para você ter uma ideia uma viagem daqui à Lisboa durava umas 7 ou 8 horas. Os produtos de que estávamos habituados, nós não encontrávamos. Era tudo muito difícil, a parte de compra. [...] Eu vim porque casei com um português. [...] A mãe dele havia falecido, ele tinha heranças para receber. Viemos de navio e tudo correu mal [risos]. [...] Quando nós chegamos estava nevando, então foi trágico. [risos]

Já no contexto inglês, a situação verificada foi a mesma: brasileiros que conheceram ingleses e começaram um relacionamento afetivo que resultou em um casamento que propiciou a integração do imigrante brasileiro dentro da sociedade inglesa. Ou seja, elementos externos que se inserem em uma família (do cônjuge) e passam a se integrar na comunidade a partir daí.

Amélia, a princípio, foi para Londres fazer uma imersão na língua inglesa e durante um curto período que passou na cidade, conheceu seu atual marido. Depois de alguns meses de namoro resolveu mudar-se de vez para a Inglaterra, para uma cidade próxima à Loughborough. Segundo Amélia,

Não tive nenhum problema ainda, todo mundo me trata bem, não tive nenhum problema com a família dele, me dou bem com ele [namorado inglês]. Mas assim eu não estou trabalhando, então eu não tenho nenhum contato com amigos, assim. Então eu tenho receio de que algum dia eles não me tratem bem. Mas por outro lado, como ele é inglês, como ele é meu namorado, e a gente vai casar, eu acho que isso é uma coisa que vai me fortalecer aqui. Porque ele é inglês, entendeu?

Mas o mais curioso, talvez, foi saber das exigências feitas pelo Estado inglês para a realização de um casamento entre um britânico e um não britânico. Continua Amélia,

Hoje para você casar com um inglês, você tem que tirar um visto de esposa (*spouse visa*). E para tirar este visto um dos requisitos é saber falar inglês, tem que provar que você sabe falar inglês. Não precisa ser avançado, pode ser o básico, então eu preciso do IELTS<sup>14</sup> para provar este nível. Sem contar as taxas que tem que pagar, que é caro. São 600 libras.

Com esta fala, fica ainda mais notória a obrigatoriedade do domínio da língua,

---

14 Certificado de proficiência na língua inglesa.

mesmo que seja o domínio do básico, para a efetivação do processo de casamento entre um imigrante e um inglês – apesar de que para se conseguir o certificado de proficiência, o básico da língua inglesa com o qual estamos acostumados, no Brasil, não é o suficiente. Assim como faz-se necessário o pagamento de uma quantia alta de dinheiro (£ 600 equivalem, atualmente, a aproximadamente R\$ 1800) pelo *spouse visa*<sup>15</sup>.

Talvez, após o casamento o esforço e a sensação de obrigação de superar a *pauta cultural* do “outro” pese ainda mais na convivência destes imigrantes e seus cônjuges (incluindo as famílias destes). Um aspecto de difícil assimilação na cultura inglesa é a dificuldade destes em lidar com emoções, por exemplo.

Ivone, casada com um inglês sente muita dificuldade em expressar suas emoções perto de seu marido. Com a morte de seu pai no Brasil, ela passou por situações bem complicadas na Inglaterra, conta,

Meu marido é inglês e é diferente. Se eu começar a chorar dificilmente meu marido vai saber lidar. Não é a mesma sensibilidade, que nem quando meu pai estava morrendo, e meu marido trabalhando, ele virou e falou: *‘eu não consigo me concentrar’*. Mas não é porque ele não é sensível, é porque ele não sabe lidar com emoção. Lógico que existem pessoas que sabem lidar. Mas a maioria não sabe. Quando você começa a chorar na frente de um inglês ele não sabe o que fazer.

Everaldo, a partir de sua experiência de casado com uma inglesa, cita o sentido inverso desta relação, ou seja, sua mulher no contexto brasileiro, quando moraram no Brasil, durante quatro anos,

Nós moramos quatro anos no Brasil. Tem muita coisa da cultura que ela não gostou. Ela não gostou do nordeste. Ela achou a gente muito barulhentos, e usamos muito imperativo: *‘fecha a porta’*, *‘apaga a luz’*, e quando em família ela não conseguia se comunicar. Porque enquanto ela falava com um aqui tinha mais quatro falando, e eles [ingleses] não estão acostumados com isso, aqui quando um fala o outro escuta.

Finalmente, o conceito de *pauta cultural* parece ser um bom instrumento de análise dos esforços de estrangeiros na tentativa de integração e assimilação da cultura local.

---

15 “visto de esposa”

Schutz complementa,

A adaptação do recém-chegado ao grupo interno que à primeira vista pareceu ser estranho e não familiar para ele, é um processo contínuo de indagação do padrão cultural do grupo aproximado. Se este processo de indagação tiver sucesso, então este padrão e seus elementos tornar-se-ão para o recém-chegado uma coisa natural, um inquestionável estilo de vida, um abrigo e uma proteção. Porém, então o estrangeiro não será mais um estrangeiro e seus específicos problemas terão sido resolvidos. (2010: 129)

Porém, a questão é: se por um lado, o casamento e a formação de uma família estruturada em solo europeu parece facilitar a integração destes brasileiros, por outro lado, creio, não os tira o peso do *estigma* de serem *estrangeiros*. Ou melhor, o que existe é a manutenção do grau de *imigridade*, mas a superação da categoria *estrangeiro* – ao contrário do que Schutz defende – parece um projeto bastante arriscado, tendendo à frustração, perante um grupo conservador e fechado, por exemplo, assim como a Inglaterra, onde a necessidade de se ter o “sangue inglês”, para ser visto como inglês, faz-se presente. Vide o caso de Túlio, filho de Everaldo.

O garoto sente dificuldade em se integrar e vive em certo conflito por não ser um legítimo “sangue puro” inglês. Apesar de ser filho de uma inglesa, esposa de Everaldo, o pai relata que

Túlio estuda em uma escola particular muito boa, onde só estudam ingleses com pais de outra nacionalidade. Os melhores amigos do Túlio são ingleses nascidos aqui filhos de indianos, não são ingleses *puros* [por não terem pais ingleses], assim como o Túlio [que só tem a mãe inglesa]. E ele sente dificuldade pela cultura, pela forma de viver, pela forma de se vestir, ele prefere não ser como eles, como os ingleses. Ele não se sente um deles.

### 3.1 - O fator linguístico e o imigrante.

Minha pátria é a língua portuguesa.

*Livro do desassossego.* Fernando Pessoa.

### 3.1.1 - O imigrante brasileiro, a língua portuguesa e preconceitos em Portugal.

Muitos são os obstáculos para a superação da *pauta cultural* do grupo onde o imigrante tenta se integrar. A língua nativa e alguns hábitos culturais são dois destes obstáculos a serem trabalhados aqui.

A adaptação ao novo país é um processo que depende de vários fatores por parte do imigrante. Por exemplo, seu domínio da língua local.

Quando um imigrante se desloca do Brasil para Portugal, pela primeira vez, geralmente, ele vai “cru”, pensando que fácil será sua integração, inclusive, pelo fato da língua “ser a mesma”. Logo, pensa que será bem recebido devido às suas “luso-origens”.

No Brasil temos pouca informação sobre Portugal, sobre os portugueses, sobre a língua portuguesa de Portugal. Nada muito além das velhas piadas sobre portugueses e sua fama de “burros”, talvez um certo rancor do período colonial. Nem imaginamos que os portugueses, por sua vez, adoram contar piadas sobre brasileiros, da mesma forma. De fato, não tínhamos uma tradição forte de imigração portuguesa para o Brasil, nas últimas décadas. O sentido era Brasil-Portugal. O que significa dizer que apesar de nós não sabermos muito sobre os portugueses e Portugal, eles sim, sabem muito sobre como é lidar com brasileiros em terras portuguesas. Este histórico de imigração já resultou, inclusive, em muito conflito cultural.

Ao chegar em Portugal, geralmente, percebe-se que a realidade é outra bem diferente do que costumava-se pensar: a língua não é exatamente a mesma, falhas de comunicação ocorrem com frequência, os portugueses não são exatamente o povo mais amistoso com o imigrante brasileiro devido aos muitos estereótipos e preconceitos surgidos desta convivência, e aqui me limitarei a estes aspectos.

Com relação à língua: é, de fato, impactante o processo de chegada e reconhecimento da língua em Portugal. O vocabulário é, praticamente, outro. Mesmo a forma gramatical não é totalmente compatível com a nossa no Brasil. No sentido da comunicação o que mais dificulta a interação não é a estrutura gramatical, mas sim o vocabulário. Por exemplo, *rapariga* em Portugal é o mesmo



que *garota* no Brasil. *Puto* é equivalente a *garotinho*, *malta* à *galera*, *peçoal*. *Fiambre* é o que chamamos de *presunto*. *Gajo* é como se fosse *garoto*. *Moço*, que é comum no Brasil, é uma má expressão em Portugal, que pode até gerar discussão, pois tal expressão designa algo no sentido de *servente*. *Isopor* é igual a *esferovite*. *Camisinha* eles chamam de *durex*. *Privada* eles chamam de *sanita*, ou ainda, o que chamamos de *impostos* eles chama de *propinas*, e esta lista só tende a aumentar.

Muitos foram os relatos de que a integração não foi fácil, e no início a língua dificultava o processo. Diana conta como foi no início de seu período de imigração em Porto e como foi lidar com a diferença linguística,

Quando cheguei eu não entendia muita coisa, então perguntava do que eles estavam falando e eles me explicavam e eu entendia. Então dava no mesmo, só mudava os termos. Por exemplo, eu conheci um rapaz outro dia, e eu o chamei de 'você' e ele não gostou e pediu para eu chamá-lo de 'tu', pois é mais respeitoso e informal. Eles não gostam que a gente chame de 'você'. [...] Nunca sofri preconceito, eles acham engraçado e imitam nosso jeito de falar.

Ou ainda, Lúcia relata sobre uma situação que quando não é trágica é cômica, devido à vergonha que ela deve ter sentido. Segundo ela,

Foi complicado, porque, por exemplo, eu queria comprar um *broche*, e aqui *broche* é outra coisa. *Broche* aqui é *boquete* (sexo oral). Eu cheguei para o senhor e disse: senhor, eu preciso de um *broche*. E foi quando chegou minha amiga e explicou para o senhor o que eu queria dizer, para ele não pensar besteira. Fora o taxista, aqui no Porto ainda existe o preconceito de que não se pode chamar ninguém de *moço*. Falei para o taxista: *moço*, pare aqui, por favor. Ele ficou bravo e mandou não chamar ele de *moço*. Eu falei: desculpe, senhor, sou brasileira, não sabia. E ele disse: mas você está no meu país, eu não sou *moço*. *Moço* é uma categoria básica, que significa 'menino de recados', remete a alguém submisso, empregado.

Entre outros casos, o curioso e surpreendente foi descobrir que muitos portugueses, assim como muitos brasileiros, costumam concluir que *nós*, brasileiros e portugueses, não falamos a mesma língua. Muitos atestam que brasileiros falam *brasileiro*, enquanto portugueses falam o bom e velho *português*.

Flaviane faz menção à problemática linguística,

Já passei dificuldade para entender algumas coisas, principalmente de início. Eles aqui falam o pouquinho mais rápido, a gente fica meio perdido,

pronto, quanto tenta entender o que eles estão a falar. [...] Não sofri discriminação por causa da minha língua, eles acham diferente, pronto eles acham engraçado, falam que a gente fala brasileiro, assim como eu achava diferente e ficava a olhar [os portugueses], achava diferente.

Mesmo entre os brasileiros que casaram-se com portugueses, os relatos eram no sentido de que mesmo depois de anos juntos, a comunicação muitas vezes falha, devido à língua.

A fala jocosa de Rosa é clara e reveladora: “continuo tendo dificuldades de comunicação até hoje [risos], eu casei com um português e o Nelson casou-se com uma portuguesa, e mesmo depois desses anos todos nós temos dificuldades em falar com nossa cara metade.”

E, de fato, Nelson, em sua entrevista, confirmou: “a gente se entende, mas as vezes é difícil. Até em casa precisei usar gestos e sinais para me fazer entendido, mesmo depois de 10 anos de casado. [risos]”

E muito deste desentendimento acaba por desembocar em preconceito e intolerância, como relata Juliana,

Teve uma vez que meu chuveiro deu um problema e eu liguei para chamar alguém para arrumar. Eu precisava que arrumassem o mais rápido possível e falei que eu estava pagando e que eu queria que arrumassem o mais rápido possível, porque estava um frio imenso. Então eu falei: *'preciso que vocês venham aqui porque eu estou pagando e preciso que arrumem.'* E eu não tinha entendido alguma coisa que ele falou. E o atendente falou: *'você não está entendendo? É claro que você não está entendendo, você não fala a mesma língua que eu!'* [...] Mas é isso, sabe, se você não está contente, volta para seu país, sabe?

Diante destes relatos - os quais não ouvi apenas uma vez durante os seis meses que passei em Portugal – no sentido de que não falamos a mesma língua ou sobre desentendimentos cheios de preconceito, como o sofrido por Juliana, me fizeram refletir e incitaram minha curiosidade: seria este ato, de manter a língua portuguesa oficial em tantos países, ex-colônias de Portugal, genuinamente por razões históricas e por acreditar-se que falamos a mesma língua, de fato? Ou teria muito mais razões políticas e interesses de várias esferas circundando esta manutenção da língua portuguesa *ad eternum* enquanto língua oficial de suas já não mais colônias, vide a CPLP<sup>16</sup>?

16 Comunidade dos Países de Língua Portuguesa. <http://www.cplp.org/>

Este é um tópico a ser explorado e debatido quiçá em outra pesquisa, não sendo meu foco não adentrarei nele, mas optei por registrar aqui estas indagações que me fiz durante o período de pesquisa de campo.

### 3.1.2 - Estigma, preconceito e a questão de gênero: as brasileiras em Porto.

Ainda que as diferenças linguísticas sejam menos complexas, se comparadas com o caso inglês, os brasileiros em Porto têm dificuldades de interação com os portugueses devido ao preconceito. A rotina destes trabalhadores não facilita o processo, mas para além de uma rotina cansativa devido ao trabalho, a figura do brasileiro é cercada por estereótipos e preconceitos, principalmente o ideário da *brasileira* como sendo aquela imigrante que vai para Portugal se prostituir e “roubar os maridos das portuguesas”. Temos aqui um retorno ao problema do estigma próprio do, ou melhor, da imigrante brasileira neste contexto.

Paula percebeu que *a brasileira* é um mito no imaginário dos portugueses, depois de passar por muitas situações constrangedoras.

Ela relata ainda,

No primeiro mês eu estava dividindo a casa com uma menina portuguesa. E antes do meu marido vir esta menina me falou: '*olha eu só deixei você aqui porque você era casada*' [...] E eu acho que realmente acontece, porque já vi muita gente falando, de casos como o primo de não sei quem que era casado e se apaixonou por uma brasileira, deixou a mulher. E essas coisas vão minando. E junta com o fato de muitas brasileiras virem se prostituir. E muitas vezes eu sinto que os olhares mudam quando a gente fala que é brasileira. As mulheres [portuguesas] têm inveja. E claro que vai chamar a atenção de algumas pessoas, é algo diferente. Então tem muita inveja e discriminação. Quando eu estava trabalhando no café, vinha clientes falar comigo e eu ficava furiosa com isso. Como se pelo fato de eu ser brasileira eu fosse mais aberta, mais sei lá!

Este é um dos aspectos que torna a integração de uma brasileira ainda mais difícil entre os portugueses. Uma brasileira - dentre os milhares de brasileiros que vão para Portugal com outro intuito que não o de se prostituir - geralmente, sente-se muito desconfortável com os olhares ao seu redor. O assédio parece estar por toda

parte quando se assumem *brasileiras*. E mesmo quando não há o assédio a desconfiança permanece, assim como o desconforto. O estigma de ser *brasileira* é, talvez, ainda mais evidente do que o estigma de ser *brasileiro* em território português. Muito semelhante foi a situação vivida por Juliana,

Uma das primeiras experiências que eu tive foi quando eu estava procurando uma casa para morar com meu namorado [português], e a mulher que estava alugando a casa olhou para mim e disse: *olha, você é brasileira? você deu sorte, porque to te vendo agora, estou vendo que você está bem vestida, porque se você tivesse ligado no lugar dele [do namorado] eu teria falado que a casa já estava alugada. [...]* Existem portugueses preconceituosos, assim como existem brasileiros preconceituosos, com nordestinos, por exemplo. Mas a questão da imigração aqui em Portugal é muito complicada porque as pessoas têm dificuldade para lidar com isso. Muita brasileira vem para cá se prostituir, infelizmente. E depois que a Sra. me falou isso, eu perguntei se já tinha acontecido antes, e ela disse que inúmeras vezes brasileiros transformaram a casa dela em casa de prostituição, cafetão na frente. [...] As vezes, quando me sentia mal, me sentia discriminada, eu pensava que talvez fosse coisa da minha cabeça, mas não é, não é da minha cabeça. Porque é aquela pergunta: *'ah, você é brasileira?'*, mas não é tipo *'ah, você é brasileira? Legal!'*, é assim: *'ah você é brasileira? Tá explicado agora, porque ela age assim, porque ela se veste assim'*. Eles justificam muito as coisas por isso.

Mariza, ao contrário das falas denunciativas das outras brasileiras, encarnou o discurso estigmatizante. Segundo a entrevistada, “eu vejo aquelas brasileiras no autocarro (ônibus) que você vê logo, né?! E fala alto, e você já vê pela roupa! Elas [portuguesas] notam, elas têm preconceito, não adianta, aqui as brasileiras vêm para tirar marido delas. Os homens olham, os velhotes, sabe?”

Este é o discurso que prevalece quando o assunto diz respeito às brasileiras em Porto. “São injustos, são preconceituosos, mas não param de escutar nossas músicas, de ver nossas novelas, de querer as mulheres brasileiras”, resume Lúcia. Quando casou-se, Lúcia teve de provar de diversas maneiras, para a família do seu ex-marido (português), que não era prostituta, mas sim dançarina. Diversas vezes ela os levou à casa de festas onde ela trabalhava de animadora, dançando. (Diário de campo, 25/04/11)

Esta é a rotina de milhares de brasileiras que atravessam o oceano em busca de oportunidades diversas. Uma rotina de submissão e estratégias diante do abuso muito presente no tratamento por elas recebido seja por portugueses, seja por outros

brasileiros que estão na mesma rotina de luta por espaço neste contexto.

Em seu trabalho sobre brasileiros em Porto e o chamado “mercado da alegria”, Machado (2004), demonstra como esta parte do mercado, de entretenimento e animação, é “reservada” para os brasileiros e como se dá a construção desta identidade do brasileiro muito simpático e animado pelos portugueses e pelo Estado português. Os brasileiros “jogam” com estes estereótipos em vista da conquista de espaço no mercado de trabalho em Porto. Quanto mais *brasilidade* o brasileiro tem, maior a chance de conseguir um espaço e poder no jogo da centralidade com outros brasileiros, como relata Machado. Segundo o autor,

Quanto “mais abasileirados” aparentam ser, maior influência exercem entre os brasileiros e ganham maior legitimidade entre os portugueses com os quais encontram-se em posição simbolicamente subordinada, já que os empregos são mais facilmente conquistados por aqueles que se submetem aos estereótipos.

O que parece existir é uma relação não de completa subordinação, pois os brasileiros detêm estratégias com as quais jogam e negociam identidades. Os portugueses, empregadores ou não, preconceituosos ou não, relacionam-se com estes brasileiros de forma a fixar uma co-dependência onde nenhum dos dois está totalmente livre, nem totalmente dominado.

Um exemplo curioso é o modo como muitos imigrantes brasileiros ilegais jogam com o uso da língua e como assimilam muito rapidamente o sotaque e o vocabulário da língua portuguesa em Portugal para se passarem facilmente por portugueses diante daqueles que não possuem instrumentos ágeis de identificação. Muitos são os casos destes imigrantes que trabalham no ramo do atendimento, como garçons, atendentes em geral, que se passam, facilmente, por portugueses diante de estrangeiros que não saberiam distinguir um brasileiro de um português.

A rápida assimilação da língua e do sotaque português serve como camuflagem quando a intenção de muitos brasileiros parece ser ficar o mais “neutro” possível entre outros portugueses. Este fato pode ser interpretado, inclusive, como sendo uma das formas estratégicas de burlar regras e leis Estadais. Desta forma, o imigrante demonstra que não é apenas refém destas leis que a cada dia se enrijecem mais e dificultam sua permanência no país de destino, mas, sim, são

sujeitos que *jogam* com estas regras e demonstram como a esfera do cotidiano se desprende da estrutura e é regida por outras regras. Neste meio aquele que sabe se “camuflar” melhor obtém maior sucesso na rotina dos imigrantes que por algum motivo não podem ou não querem ser identificados.

Em sua pesquisa sobre imigrantes judeus no Brasil, no contexto da segunda guerra mundial, o historiador Cytrynowicz mostra como estes imigrantes e suas instituições de representação *negociavam* com o Estado brasileiro, diante dos obstáculos que este então Estado impunha à esta comunidade imigrante,

[...] longe da condição étnica e historiográfica de vítimas da história, os judeus no Brasil afirmaram várias estratégias para enfrentar o Estado-Novo, os anos da Segunda Guerra Mundial e o clima nacionalista intimidatório e xenófobo do regime de Getúlio Vargas, e o fizeram com destemor e efervescência institucional, social, econômica e cultural, em um momento de mobilidade social dos imigrantes. Esta outra história não pode ser apagada diante da história obscurantista do anti-semitismo, presente na política imigratória do Brasil e de círculos importantes de suas elites dirigentes, e das restrições à imigração de muitos refugiados do nazismo e da guerra. Esta outra história tampouco serve de atenuante ao regime instalado por Getúlio Vargas com o golpe do Estado-Novo em 1937. Os anos de 1937 a 1945 foram anos de mudança e de sedimentação de identidade de uma comunidade que deixa de se considerar imigrante e “estrangeira” para se afirmar judaico-brasileira, com questões ideológicas e práticas distintas. (2002: 418)

Este caso exemplifica o argumento aqui defendido, que retira o imigrante da condição de refém das leis do país de acolhimento, e o transporta para a posição de sujeito que se relaciona com o Estado através destas estratégias.

Logo, ambos – Estado acolhedor e imigrante - se beneficiam na medida em que dispõem de seus instrumentos mais eficientes na tentativa de organização frente às pressões, provindas da relação *direitos x deveres*, no sistema. O importante é a existência desta relação. Este processo é o motor das mudanças nas políticas de migração ao longo da História.

### 3.2 - O imigrante brasileiro, a língua inglesa e preconceitos na Inglaterra.

Além de outros fatores, como o inverno rigoroso, a cultura inglesa, o tempero da comida, a língua tende a ser mais uma barreira a ser enfrentada com muito esforço na adaptação de um brasileiro que chega à Inglaterra para tentar a vida nova e tem de recorrer, inclusive, à linguagem corporal, ou melhor, ao *body language*<sup>17</sup>, durante o período de aprendizado da língua.

Everaldo, como representante da classe média alta brasileira, já fazia curso de inglês no Brasil, e acreditava ser fluente na língua inglesa, porém percebeu que estava equivocado assim que chegou à Inglaterra. Segundo o mesmo,

Eu achava que falava inglês, eu estudei, me formei, fiz anos de Cultura Inglesa, tinha certificado. [...] na primeira semana em Londres eu desesperei, porque a pressão para entender os ingleses é super difícil. Para comunicar é super difícil, fala errado, quando você fala uma palavra a pessoa já falou três frases. Mas me virei, fiz amigos onde a gente alugou o quarto, tinha um casal de italianos, um inglês. E no trabalho, dentro do museu de ciências, eu fui trabalhar de faxineiro a primeira vez, e era engraçadíssimo, a moça era um pouco menor que eu, 'inglesérrima', e ela foi falando tá tá tá tá tá e apontando para a vassoura, o balde, uma escada de dez andares, e eu fui entendendo pelo *body language*!

O *body language* como parte da cultura se mostra uma via eficaz de comunicação quando nos encontramos em apuros e nossa língua nativa não é um instrumento à mão, mas o corpo o é. A linguagem corporal é produto da relação entre o corpo e o contexto situacional à sua volta. Em situação de urgência em que há necessidade de comunicação, o *body language* pode aparecer enquanto ferramenta valiosa entre os dois ou mais agentes sociais, como exemplificado com o caso de Everaldo.

Ou ainda, Amélia fala sobre a falha na comunicação em sua casa, onde vive com seu marido inglês, “nossa, em casa, sei lá, quero falar alguma coisa que eu esqueço, várias vezes tenho que fazer gestos”. Ela relata sobre a vergonha que um brasileiro costuma sentir diante de um estrangeiro, no início da aprendizagem da língua local, e chama a atenção para um aspecto indispensável quando se trata de

---

<sup>17</sup> Linguagem corporal.

relacionamento entre estrangeiro e nativo e os usos da linguagem neste contexto: a dificuldade de expressar sentimentos diversos para seu cônjuge e de se fazer entender no sentido pleno do que aquilo significa para ela,

Tem coisa que eu não consigo falar, como certas reações que eu não consigo expressar em inglês, tem coisa que não é natural! Eu acho que a gente, brasileiro, quando a gente vê um estrangeiro no Brasil falando português, falando errado, a gente acha lindo. Agora a gente aqui, a gente tem vergonha de errar, de falar na frente deles, a gente não aceita a gente errar. E se eles vão para o Brasil falar português errado a gente acha lindo, mas aqui a gente tem vergonha de falar. [...] Tem coisas que eu queria falar para meu namorado, algum carinho que eu vou fazer, que eu não consigo falar em inglês. Por exemplo, '*tô morrendo de saudade*', para mim não é a mesma coisa falar '*I miss you*'. Eu posso falar '*I miss uma pessoa, uma coisa...*' então não é a mesma coisa de saudade.

Ou ainda, Ícaro fala de sua dificuldade, “várias vezes tive dificuldade para me comunicar, e não só no começo. Tem coisas que eu não sei o nome, mas com uma curta explicação em inglês e um pouco de *mímica* tudo se resolve”.

Expressar emoções, sentimentos, expressões típicas do nosso cotidiano brasileiro em meio a um contexto completamente diferente, onde se fala outra língua, é um desafio para aquele que pretende se fazer entender. A relação se mostra *por um fio*, caso a mensagem seja mal interpretada, ou simplesmente não captada pelo receptor.

A dificuldade em lidar com a língua é frequentemente lembrada pelo imigrante brasileiro na Inglaterra, pelo menos até o momento em que se conquista um ótimo domínio da língua independente do meio de comunicação utilizado. Por exemplo, o uso do telefone para se comunicar com nativos é uma excelente oportunidade para se testar o quanto a adaptação ao contexto inglês está progredindo!

Na Inglaterra existe uma vasta mão de obra de imigrantes que são empregados no setor de *telemarketing*, principalmente de indianos, cujo sotaque é um aspecto que dificulta sobremaneira o entendimento do que estes querem dizer do outro lado da linha.

Sofia conseguiu um emprego como secretária de uma inglesa, em Londres. E é à esta que ela recorre em momento de apuros. A relação das duas é amigável e



Pamela, a patroa, tem se mostrado muito empenhada em ajudar Sofia a aprimorar a língua e tem sido muito prestativa, inclusive, ao ajudá-la a resolver problemas burocráticos como o descrito a seguir,

Quando você cai na vida, mesmo, prática aqui, que é você abrir conta no banco, assinar internet, falar no telefone, reclamar do serviço, fica muito complicado. [...] Recentemente, tivemos um problema, saímos de um pesadelo no imóvel onde a gente estava. E aí chegou a conta de energia do gás cobrando cerca de 1000 pounds. Tinha alguma coisa errada. [...] Então eu liguei na companhia de gás, tentei falar, para reclamar e eu senti muita dificuldade. Nestas horas a gente sente muita dificuldade. Assim como na transferência da linha telefônica deste lugar onde a gente tava para outro onde a gente ia morar, você está falando, eles falam muito rápido no telefone, são termos que você não conhece em relação à conta de gás, telefone, os pacotes, como as coisas funcionam são diferentes do Brasil. Junta a falta de vocabulário com a dificuldade em entender como eles resolvem as coisas. Conclusão: nestas duas situações, do telefone e do gás, tive de pedir para a Pamela [patroa] resolver para mim. Porque você fica com poucas ferramentas para se defender, para entender a lógica do raciocínio, para se defender daquilo.

Chegar ao seu destino sem saber se comunicar pode gerar situações embaraçosas e doloridas para muitos imigrantes brasileiros na Inglaterra. No caso de Anete, ela e seu noivo (brasileiro) pagaram um preço “ácido” por não saberem “falar inglês”.

Conta ela,

Um dia eu queria comer comida mesmo, não queria comer pão. Então a gente comprou tudo, comprou arroz, e o feijão em lata. Quando a gente abriu a lata a gente colocou no prato e vimos que era aquele feijão doce deles. Tivemos de jogar tudo fora! Ficamos sem o feijão, só comemos o arroz. Outra vez a gente comprou um suco de laranja e pipocamos a boca tudinho. Porque era concentrado, e a gente não sabia. Depois que a gente foi pegar o dicionário para traduzir, a gente viu que tinha que dissolver na água antes. Machucamos nossa boca todinha!

O inglês que aprendemos em cursos de inglês é o inglês formal, para situações onde se faz necessário o uso mais correto da língua. Isto cria no imaginário do brasileiro, que faz *cursinho de inglês*, a ideia de que ele chegará em um país onde fala-se inglês e estará apto a se integrar, desembarcará e se sentirá pronto para se comunicar onde quer que ele vá. Porém, não nos passa pela cabeça que os vários *sotaques do inglês*, e a fala cotidiana, inglês *de rua* é outro

completamente diferente do que se aprende dentro da sala de aula. Inclusive, interessante é observar a reação de alguns imigrantes brasileiros, que aprenderam o inglês formal, diante do inglês típico, em uma situação cotidiana, onde este tinha dúvidas com relação à escrita de uma palavra inglesa. Doriana conta às gargalhadas sobre o caso,

Eu estava trabalhando em uma associação de judô, onde deveria ter gente do mais alto escalão, e tinha um garoto que trabalhava comigo e eles perguntou pra o amigo dele: 'how do I spell 'I know'? E o amigo: 'I K-N-O-W' e ele: 'but this is not NOW?' [muitos risos] E isso é básico, mas ele não sabia!

É clara a posição de superioridade que ela assume diante do garoto que não sabia o *spelling*<sup>18</sup> de uma palavra de conhecimento básico, ou de pouca complexidade na gramática inglesa. Ou seja, a relação de poder, mais uma vez, mostra seu caráter relativo na convivência entre imigrantes brasileiros que tiveram uma educação formal e nativos “comuns”, com pouco domínio formal de sua língua nativa. Ambos assumindo cargos semelhantes, mas suas origens são bem diferentes, com relação à formação, à classe social. O que os assemelha é o caráter de imigrante de um e a baixa classe social do nativo, ambos em situação de inferioridade no contexto do mercado de trabalho onde se inserem.

Relações de comunicação que implicam conhecimento e reconhecimento são interações sociais e simbólicas que se estabelecem dentro de um quadro de relações de poder simbólico onde atualizam-se as relações de força entre os locutores e os grupos nos quais se inserem. (Saint-Maurice, 1997)

O domínio da língua pressupõe um forte jogo de poder entre os agentes sociais. Relação esta que se reflete nas possibilidades de integração e inserção de imigrantes em seus países de fixação. O domínio da língua local pressupõe parte da superação da pauta cultural local. Sofia relata de forma clara como se desenvolve o domínio da língua e sua ligação com o processo de inserção de um imigrante na estrutura inglesa,

---

18 “soletrar”

Só que aqui **só pelo fato de você ser estrangeiro e não dominar a língua como um nativo, isso já te derruba no mercado de trabalho. Só pela língua, mesmo.** Então, provavelmente, você tem que começar pela faxina, pub, café, e eu não estou disposta a isso, não estou disposta a lavar banheiro de ninguém. Então assim, você está muito perto de um centro de cultura muito forte, e isso me deixa muito encantada, é muita riqueza em um lugar só. [...] Na realidade para a gente é muito difícil. Para o estrangeiro é muito difícil construir uma vida aqui.

A língua é parte da estrutura social, ou melhor, a estrutura constitui-se através da reprodução da língua e esta é estruturada, por sua vez, pela estrutura social. Uma dinâmica que constitui a própria cosmologia de um sistema social. O (re)conhecimento de um sistema social passa pelo conhecimento da língua deste grupo, pois esta reflete a relação deste com o universo que o cerca. Processos de significação, consciência e inconsciência, são estruturados pela língua e são dela estruturantes. Logo, um imigrante estará mais próximo de se integrar com o grupo local quanto mais domínio ele tiver da língua e de seus significados.

Iago conta sobre seu processo de integração,

No meu caso eu tive grande dificuldade com relação à língua do tempo que eu estou aqui. Agora não, agora a gente já começa a entender, no meu caso eu tenho ainda pouca bagagem com relação à economia, à política, e em termos de piadas! Porque as vezes na roda tem coisa que é difícil de entender, porque a piada é um aspecto cultural, é uma questão histórica. Mas claro, como bom brasileiro eu sou: sorriu, eu tô sorrindo! Então a gente entra no ritmo [risos] Mas uma coisa é fato, a gente sabe que aqui tem gente do mundo inteiro. Mas uma coisa, quando a gente fala que é brasileiro, eles abrem um sorriso sempre. Então querendo ou não, nós temos nosso problema, eles amam o Ayrton Senna, esse lado de ser brasileiro, enfim, nós temos nossos problemas, mas tá aí uma coisa que me ajudou: o simples fato de eu ser brasileiro! Pelo menos para os mais novos aqui, os mais velhos eu não sei. Essa coisa da globalização, de muitas pessoas vindo para cá estudar, trabalhar. Mas os mais novos têm a mente mais aberta.

Na Inglaterra não obtive muitos relatos de discriminação por parte dos meus interlocutores, ao contrário do caso português. Este fato não descarta, de forma alguma, o caráter estigmatizante do imigrante neste país.

Como já trabalhado acima, pelo conceito de *imigridade*, estes relatos só reforçam a ideia que o conceito traz, pois estes imigrantes com quem tive contato na Inglaterra, em sua maioria, eram, como já explicitado, originários, em sua maioria, da classe média alta brasileira, e não estavam na Inglaterra na condição de sub-

empregados, passando necessidades, estavam lá por outros motivos: estudos e casamento com um inglês, e alguns já tinham atingido empregos de alto cargo no mercado de trabalho, como era o caso de Everaldo, João e Eliana. O primeiro já era professor de inglês no Loughborough College, o segundo já trabalhava há anos como gerente de uma rede de hamburguerias, e a terceira trabalhava na elaboração das provas que seriam aplicadas nos exames de proficiência de Cambridge. Todos os três casados com ingleses. Ou seja, eram parte de outra classe de imigrantes, uma classe “diferenciada”.

Apesar da maioria de relatos no sentido de que não sofreram discriminação seja porque acham a nova geração de ingleses mais aberta, seja porque apenas acham certas atitudes inglesas normais aos padrões deles presenciei um caso que defino enquanto *racismo velado*<sup>19</sup> e pude escutar de Sofia seu relato da discriminação que acredita ter sofrido,

Já me senti discriminada aqui. Eu fiz um curso de *red cross*, de primeiros socorros para crianças e para bebês, que é pré-requisito para trabalhar de *nanny* ou de *baby sitting* aqui. E tinha um monte de mulher grávida e umas três meninas da minha idade que não estavam grávidas. E eu percebi que elas eram britânicas. E ele, como sou clara, branca, ele não percebeu que eu era estrangeira. E eu quando fiz a primeira pergunta, depois eu ainda peguei o dicionário para ver uma palavra que eu não sabia. Eu percebi, sinceramente, que ele depois disso me evitou o curso todinho. Se eu fosse negra eu não teria metade das oportunidades que eu estou tendo. Eu sei que a discriminação não é explícita, tipo '*eu odeio negro, eu odeio pobre*', mas você percebe quando as pessoas estão falando '*ah aquela pessoa cor de café, aquele cafezinho*'. Então eu tenho certeza de que se eu fosse preta, negra, sei lá, a forma certa de falar, eu não teria as mesmas oportunidades.

Ou ainda, um caso que Amélia presenciou,

Eu acho que a nova geração é mais aberta aos imigrantes. Uma vez eu

---

19 Certa vez, enquanto esperava um trem em uma estação de Londres, presenciei uma cena que muito me chocou. Ao meu lado haviam duas cadeiras, onde se encontrava um casal de negros. Após a saída do casal, chegou uma mãe com seus dois, aparentemente, filhos e se sentaram nas duas cadeiras, no momento, já desocupadas. Porém, a filha, uma criança de aproximadamente 10 anos, “limpou” com o sapato o banco onde se encontrava o homem negro, anteriormente. Somente após “limpar” o banco, e sua mãe ter lhe *chamado a atenção*, a garota resolveu sentar-se. A mãe, ao chamar a atenção da garota, o fez não por ter achado errado o ato da criança, mas, parecia muito mais, que ela não queria que a filha chama-se a atenção dos que estavam ali ao redor da situação.

estava na rua, no ponto de ônibus, e tinha um senhor velhinho, e chegou um moço que eu acho que não era inglês e ficou na frente do senhor na fila, mas ele só estava olhando, ele não tava furando fila. Daí o senhorzinho falou '*você está na minha frente*', e o moço falou: '*não, não estou na sua frente*'. Aí o senhorzinho falou '*ai, ei não gosto destas pessoas, destes estrangeiros que vêm morar no meu país*'. Mas eu acho que agora está melhorando, porque tem tanta gente, tanto asiático morando aqui. Muitos indianos que trabalham aqui. Então eu acho que a nova geração é mais tranquila sim.

Poucos foram os relatos de discriminação entre meus interlocutores na Inglaterra, talvez pelo jeito muito polido do inglês, ou até mesmo uma certa simpatia que estes nutrem pelos brasileiros, no geral. De fato, quando se assume brasileiro na Inglaterra, geralmente, muitos são os interesses e a curiosidade em saber mais deste tão distante e “exótico” país, onde tudo parece se resumir a samba, futebol, e mulheres bonitas, aos olhos deles.

Outro fator que deve ser levado em conta e parece contribuir para esta relativa “boa relação” entre ingleses e brasileiros, em comparação à relação que os portugueses nutrem com os brasileiros, é o simples fato de que existem mais (muito mais!) imigrantes brasileiros em Portugal do que na Inglaterra. No caso inglês, provavelmente, o problema deve ser muito menos com relação aos imigrantes brasileiros do que com os imigrantes árabe-muçulmanos, por exemplo.

...

A comparação entre os contextos portugueses e ingleses foi adotada durante este trabalho no esforço de demonstrar como estes imigrantes se integram, ou não, nos contextos internacionais observados, e a importância do fator linguístico neste processo.

O fator comparativo entre os contextos foi uma escolha devido à oportunidade que eu tive de residir durante seis meses em cada país, como já explicitado. Porém, mais do que uma simples escolha, o método comparativo me permitiu perceber a língua enquanto um dado não-absoluto. Em outras palavras, percebi o quão falaciosa pode ser a afirmação hipotética mais comum de que “um brasileiro em Portugal se integraria com maior facilidade devido à similaridade das línguas,

enquanto um brasileiro na Inglaterra sentiria mais dificuldade de integração devido a tamanha diferença entre a língua portuguesa e a inglesa”. O fato é que a maior facilidade em se comunicar em Portugal não facilitou o processo de integração em muitos casos que analisei. Assim como, se comparado a um português, um inglês pode ser mais cordial e mais receptivo, muitas vezes, com um brasileiro, apesar de sua não-fluência no inglês. Isso explica-se devido ao peso estigmatizante da categoria de *imigrante* em cada contexto.

Ou seja, o grau de *imigridade* que o estrangeiro corporifica em cada contexto é decisivo para que o processo de integração ocorra com mais ou menos sucesso. A comparação de contextos tão diferentes como Porto e Loughborough me ajudou a desmistificar ideias pré-concebidas e muitas vezes equívocas sobre a vida de imigrantes brasileiros nestes lugares, lançando luz sobre as similaridades e diferenças que precisam assumir posições centrais em análises sobre a vida e a integração destes imigrantes em cada espaço em questão. Por exemplo, o objetivo inicial do projeto de pesquisa era testar a hipótese de que a língua era um fator determinante na maneira como estes imigrantes se integravam nas sociedades receptoras, e quando testada a hipótese revelou-se que o estigma, que a categoria de imigrante encerra, assume um poder que a princípio não chegava a ser cogitado em comparação com o poder das similaridades e diferenças linguísticas.

A respeito da importância e utilização do método comparativo na antropologia, Rapchan (2002) - ao discorrer sobre a teoria de Kuper a respeito da contribuição do antropólogo para a constituição do saber científico – discorre,

[...] essa contribuição se assenta na própria etnografia pois, através do registro etnográfico, é possível, ao mesmo tempo, pela via da comparação e do diálogo, promover a interpretação dos dados coletados por orientação de teorias distintas, além de abrir a possibilidade de comparação dos dados etnográficos com outros, similares, coletados por outros etnógrafos, expandindo, assim, o conhecimento sobre as culturas humanas e sobre a humanidade. (2002: 268)

Logo, o método comparativo nos possibilita expandir o conhecimento a respeito das semelhanças e rupturas entre sociedades e culturas, além de propiciar

análises reveladoras de categorias que até então pareciam secundárias, enquanto nos mostra a plasticidade de outras categorias, como a língua. Desta forma, através da comparação da relação *língua x integração* nos dois contextos analisados, resgatou-se a língua enquanto um dado construído socialmente, mesclando-se com outras variáveis, o que faz dela um dado não-absoluto que muitas vezes é naturalizado através de deduções rasas. E somente pela comparação dos dois contextos foi possível chegar a esta relativização e responder à questão inicial<sup>20</sup> levantada pelo projeto de pesquisa.

De Genova (2005) também observou o fenômeno o qual denominou *racialização da língua*<sup>21</sup>, durante seu trabalho etnográfico em Chicago, onde o autor mexicano deu aula de inglês para imigrantes mexicanos. Desta forma ele pôde se aproximar, observar e analisar vários aspectos da vida de um imigrante mexicano, inclusive o processo de aprendizagem da língua inglesa dando ênfase para seu lugar no quadro das relações de poder. Em determinado trecho, o autor relata o caso de uma interlocutora que ele chama de Rosario,

é particularmente notável que a experiência de discriminação de Rosario, por sua base ser a língua espanhola [e por não falar inglês] era inseparável de sua, especificamente, identidade mexicana, e tão prontamente apreensível para ela, explicitamente, como racismo. (2005: 48)

Este trecho vem corroborar a conclusão de que a língua reproduzida pelo imigrante é uma variável que soma-se a muitas outras, como sua nacionalidade, seu gênero, sua classe social, a cor de sua pele, sua postura; todas estas características são avaliadas, consciente e inconscientemente, pela sociedade receptora no momento da interação. Desta avaliação, resultará o sucesso ou o fracasso da integração dos sujeitos imigrantes em cada sociedade analisada. O que possibilitará, inclusive, uma análise comparativa das formas culturais de estigmatização com

---

20 “Até que ponto a língua pode ajudar ou dificultar a interação e a integração destes imigrantes brasileiros? A resposta pode parecer trivial, mas não é raro que encontremos conclusões precipitadas a respeito de traços culturais [devido às semelhanças ou rupturas entre línguas].” Esta foi umas das questões levantadas no projeto de pesquisa que deu origem a este trabalho final.

21 Tradução da expressão “racialization of language”.

origem nos usos da língua, e como acontecem em cada contexto.



## Capítulo 4 - O retorno, um dilema.

Depois do panorama que apresentei com os capítulos anteriores, onde tem-se uma ideia de quem são, como vivem e o processo de integração - ou exclusão - destes interlocutores, dedico este capítulo a um dilema que considero muito importante para se pensar o processo de migração e tomar conhecimento de alguns dos principais motivos que levaram estas pessoas a permanecerem onde estão ou planejarem o retorno à sua terra de origem, o Brasil.

Como já exposto anteriormente, a maioria de meus interlocutores não emigraram por, ou unicamente por, necessidade financeira, mas sim por necessidade de mudarem de contexto, conhecerem uma nova forma de viver, por necessidade de se libertarem de alguma forma, por terem se casado com estrangeiros, por necessidade de aventura ou por necessidade de crescerem enquanto pessoas.

No momento em que estabelecemos contato, eu e meus interlocutores, aqueles que haviam se casado com nativos, em sua maioria, já haviam constituído uma vida, uma família em terras estrangeiras, e não pretendiam voltar para o Brasil, apesar de relatarem certa saudade de alguns atributos brasileiros. Estes haviam se integrado relativamente bem. Já o restante dos interlocutores, também relatava saudade de certas características do Brasil, mas a maioria relatava, com certa resignação, os planos de retorno. Muitos já estão planejando voltar para o Brasil em decorrência da crise econômica que atinge grande parte dos países europeus, outros não pretendem voltar agora apesar de que já se preparam para voltar mais cedo ou mais tarde.

A resistência de muitos à ideia do retorno deve-se em grande parte à oferta de *qualidade de vida* que estes países – Inglaterra e Portugal – disponibilizam. Qualidade de vida que o Brasil ainda não oferece.

Nesta pesquisa, trabalho o conceito de *qualidade de vida* como sendo um estado ou uma situação confortável em que estes imigrantes se encontram com relação à serviços públicos de qualidade oferecidos, entre outros aspectos que estes

não estavam acostumados a ter no Brasil. A não ser que pagassem caro pelos serviços privados. E mesmo os setores privados têm deixado a desejar no quesito qualidade, como é o caso de muitos hospitais privados<sup>22</sup>. Mas antes de adentrar nos dois casos específicos e suas especificidades ou continuidades com relação ao tema do retorno, quero introduzir um aspecto que considero importante para refletir sobre os desejos de ficar ou de retornar. Trato, a seguir, das reflexões que meus interlocutores fazem do Brasil a partir de suas experiências migratórias. Como veremos, o Brasil e os brasileiros são formulados a partir de uma experiência de distanciamento que reclassifica o “jeitinho brasileiro” como algo negativo.

#### **4.1 – O *jeitinho brasileiro* contraposto à organização europeia e sua qualidade de vida.**

Nos casos a seguir, o famoso *jeitinho brasileiro* foi citado por alguns interlocutores, no sentido de que esta parte da cultura não era bem vinda em terras estrangeiras, e enquanto argumento e ponto forte na hora em que pensam em continuar na Europa.

Certa vez, durante uma entrevista, Paula se referiu ao então *jeitinho brasileiro* e comparando-o à postura que os portugueses costumam adotar, relatou “uma coisa que eu admiro muito neles é que eles respeitam as pessoas, é o respeito deles pelas pessoas. E eles levam isso muito a sério. Por exemplo, como namorado eu acho que ele [novo namorado português] me respeita muito, não tem aquela coisa do *jeitinho brasileiro*.”

Ou ainda, segundo Dorian, com relação à vida na Inglaterra, “para mim é mais as pessoas, o clima dá para levar. Se você tem um grupo de amigos, pessoas que você conhece você leva o inverno na boa. [...] Eu tenho raiva de quem vem

---

22 Depois de casos trágicos onde pessoas, inclusive crianças, morreram na espera das emergências em hospitais particulares - por estes recusarem atendimento na ausência de cheques caução – foi aprovada a Lei que obriga estes hospitais atenderem pacientes em situações de emergência sem a necessidade de cheques caução, no caso de não haver leito em hospitais públicos.

[brasileiros] tentando fazer o *jeitinho brasileiro* aqui”.

Eliana, que estava na mesma roda de conversa na casa de Dorian, relatou,

o que eu mais sinto saudade do Brasil é do sol, família. Porque o inverno é muito longo, em Outubro aqui já começa a esfriar. Novembro, Dezembro, Janeiro, Fevereiro é o inverno terrível, muita neve. [...] Sinto muita falta da claridade, e tem muitas histórias de médicos que fazem plantão aqui, eles entram muito cedo, está escuro, e saem do hospital no escuro, também. E isso causa uma depressão pela falta do sol. [...] E o que eu não sinto falta é do *jeitinho brasileiro*.

Estas críticas e o repúdio ao famoso *jeitinho brasileiro*, vindas de outros brasileiros no exterior, chamaram-me a atenção. Afinal, o que seria o *jeitinho brasileiro*? Ou melhor: *existiria, de fato, um jeitinho brasileiro? O que propiciaria seu surgimento dentre os brasileiros?*

Para responder a estas indagações, escolhi dois autores famosos por tratarem do assunto: DaMatta (1997) e Barbosa (2006). Ambos são autores que defendem a existência do *jeitinho brasileiro* enquanto prática social existente em todos os segmentos da sociedade brasileira. Ou seja, é parte da cultura brasileira, e desde os mais pobres até os mais ricos podem acionar o tal *jeitinho* “quando necessário”. A categoria pode ser enxergada enquanto estratégia utilizada por muitos brasileiros na tentativa de lidar com um sistema descrito como extremamente burocrático e hierarquizante, onde faz-se necessário contar com paciência e sorte.

Em contextos de necessidade, onde o aparato Estatal aparece muito distante dos anseios da população, as troca de favores e o lado pessoal das relações se fazem presentes. Nestas horas, lembra-se do amigo deputado, do padrinho coronel e da relação de “eterna” gratidão e compromisso que se tem com estes. Esta é a hora de pedir um “favorzinho” que mais tarde deverá ser retribuído e assim por diante. É em meio a esta complexa rede de “favores” que se relembra a máxima popular: “para os amigos, tudo; para os inimigos, a Lei”.

Segundo DaMatta,

O “sabe com quem está falando?” [uma variante do *jeitinho*] – e podemos dizer isso sem receio de cometer um curto-circuito sociológico – é um instrumento de uma sociedade e que as relações pessoais formam o núcleo daquilo que chamamos de “moralidade”

(ou “esfera moral”), e tem um enorme peso no jogo vivo do sistema, sempre ocupando os espaços que as leis do Estado e da economia não penetram. A fórmula “sabe com quem está falando?” é, assim, uma função da dimensão hierarquizadora e da patronagem que permeia nossas relações diferenciais e permite, em consequência, o estabelecimento de elos personalizados em atividades basicamente impessoais. (1997: 195)

Em outras palavras, fruto de uma estrutura jurídica construída por uma elite paternalista - que dita o que é ou deixa de ser bom para o povo brasileiro sem nunca ter perguntando a ele qual era sua real vontade - a legislação brasileira nunca foi produto das lutas sociais, da vontade deste povo que se subordinará às Leis. Tanto poder de delegação nas mãos de uma minoria que dita as regras, resulta em um sistema extremamente enrijecido e lento, que incentiva o não cumprimento das normas e Leis. E são nestas fendas, onde a Lei não penetra, que aciona-se o *jeitinho brasileiro* na esperança de acelerar um processo que por vias legais demoraria para se concretizar ou simplesmente não se concretizaria. (Barbosa, 2006).

Voltando às falas das brasileiras na Inglaterra, ao analisá-las sentimos o tom pejorativo atribuído à categoria do *jeitinho*, e fica claro que ele não é bem-vindo em terras estrangeiras, como na Inglaterra ou Portugal.

Racionalmente, aceitar este discurso sem duvidar de sua honestidade é cair no senso comum preconceituoso e na ingenuidade de acreditar que o brasileiro tende, naturalmente, à corrupção ou à quebra de normas e que isso não ocorreria entre muitas outras populações mundo afora. É desconhecer o fenômeno da insatisfação que ocorre naturalmente em contextos de desigualdade e hierarquia, acreditando assim na não existência de inúmeros *jeitinhos*, inclusive um *jeitinho* português ou um *jeitinho* inglês dentre os insatisfeitos e menos favorecidos com as normas sociais vigentes nestes locais. E mais, alguns brasileiros tendem a falar no *jeitinho* brasileiro enquanto uma forma *malandra* ou *corrupta* que o *outro* tem de lidar com as situações. É sempre uma fala dirigida ao outro brasileiro, e não a ele mesmo (o que acusa). Este parece estar sempre um nível acima daquele que pratica o tal *jeitinho*. O que acusa é imune a esta estratégia vergonhosa, como fica implícito nas falas das minhas interlocutoras.

Em suma, é interessante notar e analisar como estas brasileiras neste contexto internacional se apropriam da categoria e a utilizam para colocar-se em posição de autoridade ao mesmo tempo que vangloriam o contexto internacional em que vivem, de uma certa forma, idealizado como sendo um espaço sem corrupção, onde as Leis são cumpridas e a população vive satisfeita. Mas que fique claro que esta é a visão de um estrangeiro. Resta saber se um nativo inglês ou português, estando em uma posição não muito favorecida dentro do sistema, concordaria com esta visão idealizada.

Esta análise teve seu lugar aqui reservado por se conectar com o tema do retorno no sentido de que estereótipos como o “jeitinho brasileiro” são categorias que muitas vezes são ponderadas e lembradas como um “defeito brasileiro” do qual estes interlocutores não sentem falta e querem distância, mesmo que seja uma distância ilusória.

#### **4.2 - O caso português.**

Ao chegar na agência do Banco do Brasil em Porto, conheci Keila, uma brasileira que mudou-se para a cidade portuguesa em função da transferência de seu marido de São Paulo para lá. Keila logo desabafou sobre a saudade que sente do Brasil e das pessoas que aqui deixou. “Viver longe das pessoas que a gente gosta não é vida”, ela disse.

Este era o drama da maioria dos brasileiros com quem tive contato: a saudade das pessoas, do calor, da comida, mas não muito mais que isso.

Rosália e seu marido, Wesley, deixaram seus cargos no Banco do Brasil para tentarem uma vida melhor em Porto, mas com a atual crise e dificuldades em encontrar um bom emprego, Rosália relata,

Minha maior dificuldade aqui é mesmo com o trabalho. Acho que se eu tivesse um trabalho, não digo no que a gente fazia lá, mas algo mais bem remunerado, eu teria uma segurança maior, porque aqui a insegurança

financeira é muito grande. Aqui a gente não tem a quem recorrer, não é? Mas em termos de qualidade de vida aqui é melhor. Se eu pudesse escolher entre viver aqui e São Paulo capital, com um salário gigante de 2.000 reais eu prefiro ficar aqui. Eu não queria viver lá com aquela loucura toda, com uma criança. [...] No Brasil a gente tinha plano de saúde, aqui eu faço tudo pela rede pública de saúde. Aqui eles [portugueses] cobram mesmo, mesmo quem tem condição de pagar, eles exigem sistema de qualidade. Se eu posso ter sem pagar, para que eu vou pagar?

Na fala de Rosália fica muito nítida a posição da qualidade de vida dentre suas prioridades. Ela compara a vida no Brasil, onde precisava pagar para desfrutar de serviços de saúde, e a vida em Porto, onde tem um serviço de saúde muito bom e público à disposição. Diante deste quadro, é no mínimo triste pensar no tratamento que um cidadão brasileiro recebe dentro de seu país, enquanto este mesmo cidadão na posição de emigrante recebe muito mais benefícios estando em um país como Portugal. O descaso brasileiro com a saúde e a segurança de seus cidadãos fica ainda mais gritante diante destes casos.

E com o peso da crise, muitos imigrantes estão se vendo forçados a voltar para seus países de origem, pois começam a sentir a pressão da inflação e a falta de emprego no país de fixação. O marido de Rosália, Wesley, não sente vontade de retornar ao Brasil. Ele reluta contra a ideia da mulher e justifica-se,

E as coisas estão muito caras lá, a gente foi lá em 2009 e eu achei um absurdo o preço das coisas lá. Aqui mesmo a gente não ganhando o que a gente queria ganhar, mas mesmo com esta crise na Europa, aqui a gente ainda consegue comprar itens que a gente não consegue comprar lá. [...] Lá tem muita coisa boa, sem querer desmerecer, mas aqui tem qualidade mesmo. Mas vou acabar voltando pela esposa e pelo bichinho (filho) também.

O dilema do retorno abala, inclusive as estruturas familiares, como observado. A esposa deseja retornar para o Brasil, já o marido não. Ou ainda, a mãe que teme pela adaptação do filho pequeno que já se adaptou ao país de fixação, como é o caso de Edith. Ela e seu marido mudaram-se de Holambra, no estado de São Paulo, para Porto há 10 anos e seu filho era apenas um bebê. Este cresceu em Porto. Apesar da vontade de retornar ao Brasil, Edith teme que se voltarem para o Brasil agora, seu filho sofra com bullying, seja taxado de “português burro”, como ela relata.

Rosa, casada com português, já não sente tanta saudade do Brasil e não pretende voltar. Alguns dias após perder o pai, ela comparava – durante a entrevista - a vida que levaria se voltasse para o Brasil e a vida que leva em Porto, principalmente com relação ao drama do serviços de saúde pública no Brasil,

Eu gosto muito da cidade de Porto, da tranquilidade, da segurança. Mas eu não gosto no Porto é que para mim o Porto é uma cidade muito pequena, a proximidade entre as pessoas não me agrada muito. Para alguém que vem de São Paulo, principalmente.[...] Eu só posso falar da saúde do Brasil e em Portugal. Eu sei que se eu fosse voltar para o Brasil eu teria de ter um convênio muito bom. Meu pai tinha um convênio muito bom em um hospital muito bom, no Brasil, e mesmo assim teve de esperar 24 horas no pronto-socorro para poder ser passado para UTI, na segunda-feira antes de morrer. Aqui eu tive um infarto, fiquei 22 dias internadas, fiz exames caros, ninguém nunca me perguntou se eu tinha segurança social, se eu tinha condições de pagar. Eu tenho um atendimento fantástico. Claro que pago minha coisas em dia, mas uso hospitais públicos. Nunca tive problemas. [...] A pessoa pode estar indocumentada e tem todo direito de ser atendida em um hospital, ela tem todo direito. Pode não ter nenhum papel, mas vai ser atendida em um hospital público.

Ou quando a preocupação maior é a falta de segurança no Brasil, Juliana, que saiu da grande e caótica cidade de São Paulo para morar em Porto, relembrava como era sua vida na agitada cidade brasileira,

A vida em São Paulo era extremamente agitada, posso acordar às 3hs da madrugada e sair para qualquer lugar que estará lotado. Isso é legal em São Paulo e não tem aqui. A vida cotidiana deles começa muito tarde, eles acordam para trabalhar às 8hs da manhã. Então é isso sabe, eu sinto falta desta loucura de SP, mas é aquilo que eu te falei aquele dia, a qualidade de vida aqui é muito melhor, sabe? Eu posso andar na rua aqui a qualquer hora, sem medo. Eu acho assim, eu tenho uma sensação de liberdade aqui, e isso eu não tenho muito em SP. EM SP fico presa aos horários, evitar assalto na rua, evitar falar no celular no autocarro (ônibus), e aqui não.

Segundo Flaviane,

Não tenho muita pretensão em voltar para o Brasil. Mas estamos abertos à oportunidade. Não me prendo em voltar pra o Brasil ou ficar em Portugal. Onde a oportunidade aparecer, onde a gente puder levar uma vida com saúde, que é primordial, saúde e educação, é para onde precisamos ir.

Mais uma vez, o peso da qualidade de vida desfrutada lá, na Europa, é

sentido pelos imigrantes que pensam no retorno ao Brasil. Este é um fato inegável: a tranquilidade, a segurança, a saúde, garantidos em maior frequência *lá*, são fatores que fazem falta quando se retorna ao solo brasileiro, onde a estrutura é precária e não há previsão de melhoras a curto prazo, apesar de sermos a sexta potência econômica no ranking mundial.

Creio que a importância de se discutir a qualidade de vida no exterior contrapondo-a à falta da mesma no Brasil chama a atenção para o paradoxo no fato do Brasil estar entre os dez países mais ricos do mundo e ainda sim não ser referência em qualidade de vida, fruto de uma má gestão política. Estes interlocutores cujas falas tanto se referiram à qualidade de vida, em sua maioria não saíram do país em busca de uma vida melhor no sentido unicamente econômico, como já exposto anteriormente. Eles emigraram por inúmeros motivos, porém o que unifica suas variadas motivações de emigração parece ser justamente o justificativa final à resistência ao retorno, ou a resignação ao fato de terem de retornar em breve, isso sem mencionar aqueles que não pensam em retornar. Ou seja, são muito diversas as justificativas para a emigração, mas são quase sempre as mesmas justificativas para não desejarem o retorno ou prorrogarem a permanência no exterior: a pouca *qualidade de vida* encontrada no Brasil (violência, péssimo sistema de saúde pública, péssimo sistema de transporte público...).

#### **4.3 - O caso inglês.**

Na Inglaterra, os brasileiros que pensam em retornar para o Brasil vivem a mesma dúvida: colocar na balança a saudade de alguns aspectos do Brasil de um lado, e a *qualidade de vida* na Inglaterra do outro.

Se por um lado o fator qualidade de vida pesa quando se pensa em retornar, por outro lado o sentimento de saudade e a isolamento são, muitas vezes, desencadeadores da depressão. Estes sentimentos podem ser tão fortes que muitas vezes tornam-se decisivos na hora da opção pelo retorno, deslocando assim a



qualidade de vida para segundo plano. Desta forma, muitas vezes o imigrante sucumbe à saudade da família, dos amigos, do suporte que antes ele encontrava sempre que precisasse em sua terra de origem.

Logo, não há a pretensão aqui em menosprezar o sentimento de *saudade* e sua potência. O *banzo*<sup>23</sup> é um dos exemplos mais vívidos de como a saudade e a nostalgia podem afetar uma pessoa e seu equilíbrio, principalmente quando o imigrante de encontra sozinho no país de destino.

Mas mesmo o sentimento causado pela saudade acaba por ser controlado e abafado, por muitos imigrantes, em detrimento da permanência sob uma estrutura de qualidade nestes países de acolhimento, como é o caso daqueles que casaram-se com nativos ou daqueles que estão com a família. Este é o caso, principalmente, daqueles que têm filhos pequenos. Como é o caso de Wesley e Rosália, Edith e Nilson. Nestes casos, a prioridade é dar qualidade de vida para as crianças.

Ou ainda, mesmo que não haja crianças envolvidas, quando se é casado com um nativo, as possibilidades de retorno costumam ser mais remotas, como foram o caso de alguns interlocutores. Após casar-se com um inglês e estar se adaptando sem muitos obstáculos, Amélia constatou,

Por enquanto não pretendo voltar para o Brasil. Eu até tenho vontade de morar lá com ele, depois. E eu até acho que ele conseguiria fácil um emprego lá. Porque brasileiro valoriza muito estrangeiro. É "paga pau". Só porque é estrangeiro consegue tudo. E ele fala inglês, então, sabe? Mas por enquanto eu não tenho planos de voltar. Eu quero arranjar um emprego aqui, quero começar a trabalhar, porque é uma preocupação que eu tenho, mas como eu trabalho na área de informática, eu não acho que é difícil achar alguma coisa aqui nesta área. Então é um alívio!

Ou no caso de Odete, também casada com um inglês há mais de 20 anos, muito tranquilamente ela afirma que já não sente vontade de voltar para o Brasil e sente que a Inglaterra já virou sua casa, "eu tenho saudade das pessoas, mas do país assim não sinto saudade nenhuma. E não me vejo lá. Quatro ou cinco semanas lá já é muito tempo, já deu para ver tudo que tinha para ver e já quero voltar para casa, minha casa é aqui".

---

23 Nostalgia mortal ou patológica dos escravos negros africanos levados para longe da sua terra.  
(Fonte: <http://www.webdicionario.com/banzo> Acessado em 26/07/2012, às 21:00.)

Everaldo desabafa e justifica o fato de relutar em retornar definitivamente para o Brasil, juntamente com sua família,

Eu acredito que a gente vai acabar no Brasil. Mas hoje ainda não, ainda não estou pronto para o Brasil. [...] Compensa [continuar na Inglaterra] porque isso aqui é um país de primeiro mundo, desenvolvido. Por mais que você batalhe aqui, que você sue aqui, que você reclame que trabalha para caralho, não sei o que não sei o que, é melhor aqui do que lá, infelizmente! As vezes é melhor ser pobre aqui do que rico no Brasil. Aqui tem os mesmo problemas mas em uma escala muito menor.

Ana corrobora a visão de Everaldo, e fala de uma provável desilusão ao retornar para o Brasil,

O que eu mais gosto daqui é o transporte, gosto porque eu posso trabalhar e comprar aquilo que eu quero. Porque no Brasil não tem condições, depende do seu salário, lógico, mas na minha categoria não dá para comprar o que você queria lá. E o transporte não funciona no Brasil, também. Aqui você pode programar seu percurso e você programa de chegar uma hora e você chega no lugar aquele horário. [...] Eu tô falando do transporte daqui, mas eu sei que daqui um tempo isso aqui não vai ser para mim mais, porque eu vou voltar para aquela vida lá, aquela rotina do Brasil.

O retorno pressupõe a readaptação ao país de origem e todo o drama que este processo implica para um imigrante que teve contato com países onde a realidade é menos bruta no que diz respeito à qualidade de vida, onde a desigualdade social é menos gritante.

#### **4.4 - Produção de *status* pelo retorno e a readaptação do emigrante.**

Apesar do dilema descrito nas sessões anteriores, um aspecto interessante de se observar é o *status* que um retornado ganha perante a sua comunidade de origem. Seu *status* é elevado em um *processo de exotização* mútuo.

O emigrante retorna ao país de origem e começa a comparar a situação ali com a situação do país de onde retornou – europeus, no caso –, geralmente, a comparação acaba por denegrir a imagem do país de origem, no caso o Brasil. E por

outro lado, a comunidade olha para aquele emigrante com outros olhos, como aquele que tem muito para falar, para ensinar, e muitas vezes como o retornado *esnobe*, que chega querendo tirar vantagem da situação. É inevitável que a situação daquele que volta chame a atenção dos que haviam ficado. E este estranhamento mútuo é, inclusive, normal e compreensível dentro dos limites do bom-senso, ou seja, um retornado que chega subjugando tudo e todos que aqui ficaram certamente não será mais tão bem-vindo, e será, também, criticado pelos que o rodeiam. Assim como a comunidade que vangloria ou demoniza em demasia aquele que retorna, não parece ter noção de como realmente é a vida no exterior.

Dias (2000), ao tratar da emigração cabo-verdiana, trabalha a importância que o *retorno* assume dentro deste contexto migratório. Muitas são as semelhanças entre os contextos brasileiro e cabo-verdiano no cenário dos fluxos migratórios, principalmente no que tange o processo de volta ao país de origem,

As experiências passadas, congeladas no tempo, entram em choque com este novo homem que retorna, ao menos aparentemente, em uma posição claramente superior. E o reconhecimento desta ascensão social faz-se acompanhar, inevitavelmente, de um certo desconforto, de uma certa inveja. (2000: 74)

Tanto quem fica quanto quem vai adquire muita experiência para compartilhar sobre dificuldades e alegrias. O retornado volta pensando que encontrará sua vida do jeito que deixou, como uma vida que ficou congelada apenas à espera de seu retorno. Como se as pessoas não mudassem, como se as coisas continuassem exatamente as mesmas, e como se ele mesmo não houvesse passado por diversas rupturas, quando no exterior.

Segundo Schutz (1979),

o lar para o qual ela retorna não é de modo algum o lar que deixou ou o lar que lembrava e desejava durante sua ausência. E, pela mesma razão, aquele que volta para casa não é o mesmo homem que partiu. Não é o mesmo nem para si próprio nem para aqueles que esperam o seu retorno. (1979: 299)

Este complexo de rupturas e continuidades dificulta a readaptação do retornado em seu país de origem. As experiências diferentes criam códigos

incompatíveis que muitas vezes impossibilitam a comunicação do retornado com aqueles que haviam ficado. O tempo e o espaço anteriores à partida se romperam e não são passíveis de reconstituição, são rupturas irreversíveis para o que retorna e para aqueles que ficaram. Este tempo e espaço jamais serão os mesmos, marcando para sempre esta relação entre retornado e comunidade de origem.

Ainda em Schutz,

Com o corte do tempo e do espaço comuns, por exemplo, reduziu-se o campo dentro do qual as expressões do outro se manifestam e estão abertas à interpretação. A personalidade do outro não é mais acessível como uma unidade; foi despedaçada. Não existe mais a experiência total da pessoa querida, seus gestos, seu modo de andar, de falar, de ouvir e de fazer as coisas, o que restam são lembranças, uma fotografia, algumas linhas escritas. A situação das pessoas separadas é, em certa medida, uma situação de privação; *“partir, c'est mourir un peu”*<sup>24</sup>. (1979: 295)

O autor já registrou que o processo de retorno nem sempre é muito palatável. Dizia ele, “até certo ponto, toda pessoa que volta ao lar provou a fruta mágica da estranheza, seja ela doce ou amarga”. Em seu texto *Aquele que retorna ao lar* (Schutz, 1979), ele retrata o drama do retorno de uma perspectiva fenomenológica, partindo das interações *face a face*. De um nível micro sociológico onde o que interessa são as experiências no mundo da vida cotidiana. Experiências onde a subjetividade está no âmago das interações entre indivíduos.

Em sua pesquisa etnográfica sobre emigrantes retornados dos EUA para Criciúma, no estado de Santa Catarina, Assis e Campos retratam a dificuldade de readaptação destes retornados ao contexto brasileiro,

Os retornados não reconhecem mais a cidade da qual partiram, estranham o lugar e as relações sociais. A experiência de viver no estrangeiro faz com que, contraditoriamente, sintam-se estrangeiros em casa. Muitos acham a cidade suja e lenta, reclamam da falta de respeito às leis, sentem falta da modernidade norte-americana, de mais equidade de gênero, no caso das mulheres, principalmente, que se surpreendem, no retorno, a voltarem à “mesma” posição de gênero que tinham antes de emigrar, e então sentem-se deslocados, têm que reconstruir suas relações sociais, seu lugar. Muitos não conseguem e reemigram, outros entram em depressão e outros, ainda, particularmente aqueles que têm o *green card* ou a cidadania norte-americana, passam a estruturar a vida entre dois lugares – construindo práticas transnacionais, como é o caso da família Carminati, dos irmãos

---

24 “Partir, isso é morrer um pouco” (Tradução minha).

Inácio, que vivem entre aqui e lá. (Assis e Campos, 2009: 97)

A estranheza é parte quase que essencial do processo de retorno. Depois de um ano em terras estrangeiras vivenciei a *volta ao lar* e procurei relatar os impactos iniciais,

Boa parte daquilo que tentamos negar estando em um país europeu, como a Inglaterra ou Portugal, torna-se inegável quando retorna-se ao Brasil, por exemplo, com relação à qualidade de vida. [...] A precariedade estrutural é inegavelmente deprimente e mais do que nunca sinto que voltei pelas pessoas, pelo *lar* e pelas obrigações, mas não pela estrutura do país, da cidade. (Diário de campo, 13/02/2012)

Osman (2008), ao trabalhar o processo de reintegração de emigrantes libaneses retornados do Brasil para o Líbano, percebe que esta readaptação muitas vezes, simplesmente não ocorre, ou ocorre de maneira muito complicada. Voltar a ter contato com as mesmas pessoas depois de muito tempo nem sempre é um processo bem-sucedido e agradável, pois o retorno pressupõe encarar as diferenças, rupturas, e distanciamentos que podem resultar em um sentimento de frustração doloroso para o retornado. Este fenômeno pode ser percebido entre os brasileiros que retornam, como tenho observado em vários casos de retorno que tenho presenciado.

Infelizmente, a inevitável comparação entre os contextos brasileiro e europeu é, também, motivo de depressão para muitos que retornam. Não se trata meramente de um “*esnobismo pós-Europa*”, mas sim de sentir, de fato, o peso da realidade no país de origem. É um peso difícil de se carregar, um árduo processo o da readaptação. Se readaptar a um péssimo sistema de transporte público, ou a um deprimente sistema de saúde pública, assim como o sistema público educacional. Como já citado anteriormente, pode-se estender esta situação, inclusive, ao setor privado, em muitos casos, o que agrava ainda mais a situação.

Como relata Ivone,

Eu voltaria pela minha família, pelo clima. Mas existem outras coisas que eu acho importantes também, que é a segurança, eu me sinto mais segura aqui, mesmo com esta bagunça que teve agora (episódio dos *riots*). Eu acho que tem mais estrutura aqui, acho que tem menos corrupção, claro

que tem, mas a violência, mesmo, não é como em SP. Me apavora em SP, toda vez que eu vou lá, todo ano.

O retornado pode, ainda ser visto como um sujeito dinamizador do fluxo migratório ao qual pertence. Ao retornar ao seu país de origem ele leva o que assimilou no país para onde imigrou, retornando a ideia de *transmigração*. Ele leva novidades que marcam de alguma forma o local de origem. Por exemplo, o estilo, a moda, a culinária, as músicas que eram, a princípio, parte do cenário internacional, vêm com o retornado e este a transmite para aqueles que haviam ficado no Brasil. E este estilo estrangeiro pode ou não se transformar em moda por aqui, no Brasil, mas muito dificilmente passará despercebido pela crítica da rede social local do retornado.

Todos esperam curiosos pelo retornado e pelo que ele traz consigo: as novidades, o quanto mudou durante o tempo fora, os presentes “inovadores”, histórias. Enfim, os retornados são como mediadores do fluxo de ideias, de objetos. O retornado acaba como um exemplo daquele que um dia deixou seu país, conheceu novas formas de vida, viveu uma outra vida, e voltou, servindo assim de exemplo e inspiração para muitos que ficaram.

De outro lado, este princípio simbólico do retorno também se exerce formalmente, isto é, através de condições estruturais concretas que constituem um sistema de migração. Assim, na representação formal do processo migratório, também observamos a estruturação de fluxos e pólos de origem e destino como num circuito integrado, ou seja, operado através de padrões relacionais das redes sociais – e, em contrapartida à *essencialização*, o retorno também *dinamiza* o processo migratório. (Fazito, 2010: 1)

Segundo Sayad (2000), citada por Fazito (2010), o retorno é elemento constitutivo da condição de imigrante, a partir da lógica de que a própria imigração em um local só pode existir com a existência da emigração em outro. Ou ainda, não poderia existir a presença em um lugar, caso não houvesse a contrapartida da ausência em outro. Logo, o retorno é um elemento fundamental que completa o processo da emigração, da saída.

Ou ainda, Carling (2003), em sua pesquisa com emigrantes cabo-verdianos, ao trabalhar com a teoria dos três “Rs” - recruitment, remittances and return – ele

enxerga o retorno do ponto de vista de que é uma etapa importante no processo de migração, por dois motivos, principalmente: primeiro, de fato, o retorno ocorre em uma escala significativa, mesmo que grande parte dos emigrantes resolvam permanecer definitivamente; segundo, a ideia de retorno é fundamental para as práticas transnacionais como envio de remessas e a construção de casas (no caso cabo-verdiano).

Como Carling enfatizou, ainda que boa parte dos emigrantes, com perfis como os da maior parte dos meus interlocutores, resistam à ideia do retorno, a maioria dos emigrantes acabam por retornar. E este retorno é fundamental para a continuidade dos fluxos diversos: financeiros, de ideias, de conhecimento; fluxo este que assume o papel transformador de contextos. O fluxo é a causa de muito choque, que abre espaço para o diálogo e para a crítica, propulsores da mudança. E mesmo com relação àqueles que não voltarão, de fato, sua própria ausência em seu país de origem produz significado e faz pensar, logo, também, assume papel propulsor da mudança. A ausência dos que não voltaram também causa impacto sobre a sociedade de origem, seja no núcleo familiar, onde sente-se a falta deste emigrante, seja no cenário nacional por representar um voto a menos, um trabalhador a menos, um estudante a menos no país de origem, ao mesmo tempo que colabora para a produção e crescimento do país de destino. E quem sai perdendo é o país de origem que não deu motivos suficientes para que aquele brasileiro(a) emigrado optasse por retornar à terra natal e ainda espalha a fama das deficiências do país de origem no país de destino.

Em suma, o processo do retorno não é simples, muito menos deve ser menosprezado nas pesquisas sobre fluxos migratórios, em vista da riqueza que tal experiência carrega e é de onde muitas boas questões podem ser formuladas e exploradas em favor da produção de conhecimento nesta área.

## Considerações finais

Muito já foi falado sobre fluxos migratórios e a vida de emigrantes brasileiros, mas creio que esta seja uma área inesgotável enquanto fonte de inspiração e recortes para novas pesquisas nas mais variadas áreas.

Como o foco do trabalho foi um grupo de imigrantes diferenciados, um dos resultados, talvez o principal aprendizado, que este trabalho me proporcionou foi a amplitude de minhas percepções a respeito das motivações que podem levar um brasileiro a emigrar, motivações maiores, na minha perspectiva, que podem ir muito além do que o argumento de necessidade financeira. No caso de meus interlocutores, migrar está mais relacionado com a esfera da necessidade humana de *sair*, conhecer outras realidades e *se libertar*. E este retrato nos ajuda a perceber o quão complexa e diversa é a realidade dos fluxos migratórios e como ela se desdobra dinamicamente.

Sem dúvida, o resultado não teria sido o mesmo caso eu não tivesse tido a oportunidade de comparar dois contextos contrastantes, e as formas como a língua complexificava o fenômeno da integração destes imigrantes. E, partindo do pressuposto de que “habitamos nossa língua”, sendo a língua um instrumento denunciador de parte de nossa identidade cultural, ela pode ser um fator desencadeante de processos de estigmatização. Assim como, no caso inglês, o não domínio da língua, também pode ser um obstáculo no processo de adaptação. O método comparativo foi um instrumento de fundamental importância porque me permitiu perceber estas peculiaridades e continuidades nestes processos de integração ou de discriminação, como foi relatados em vários momentos, nos dois contextos.

Claramente, este foi um trabalho, com muitas limitações, devido ao curto período de pesquisa e até mesmo pelo seu propósito: ser apenas uma monografia. Mas ainda assim, é um trabalho que, creio, é capaz de nos proporcionar alguns questionamentos válidos e proveitosos para se ampliar a área do conhecimento dedicada aos fluxos migratórios.

Em suma, este foi um primeiro passo para a evolução dos



questionamentos já levantados e para se pensar em meios e formas de se melhorar ou ao menos começarmos a dedicar um pouco mais de atenção a estes atores sociais, os emigrantes, que vagam por aí, quase que sob uma capa de invisibilidade, e que na verdade precisam da atenção e do respeito por parte dos Estados e de suas políticas, bem como dos nativos e cidadãos em geral, pois no final das contas, são eles [imigrantes] que fazem a fama e contribuem para o crescimento e para a manutenção do *status* de países europeus, como nos casos estudados. Creio que estudos nesta linha possam ser muito úteis para o desenvolvimento de estudos e políticas que visem a melhoria de vida desta população frente aos preconceitos e dificuldades de integração relatados.

## Bibliografia

ASSIS, G. de O.; CAMPOS, E. C. De volta para casa: a reconstrução de identidades de emigrantes retornados. *Tempo e Argumento*, Florianópolis, 1(2), 2009.

BARBOSA, L. *O jeitinho brasileiro: a arte de ser mais igual que os outros*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2006.

BASCH, L., N. G. Schiller, and C. S. Blanc. *Nations unbound: Transnational projects, postcolonial predicaments, and deterritorialized nation-states*. Langhorne, PA: Gordon and Breach. 1994.

CARLING, J. "Emigration, Return and Development in Cape Verde: The Impact of Closing Borders". *Popul. Space Place*, v. 10, 2004.

CYTRYNOWICZ, R. Além do Estado e da ideologia: imigração judaica, Estado-Novo e segunda guerra mundial. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, 22(44), 2002.

DA MATTA, R. *Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*. 6.ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DE GENOVA, N. *Working the Boundaries: Race, Space, and Illegality in Mexican Chicago*, Durham – London: Duke University Press, 2005.

DIAS, J. B. "A volta do filho próspero: emigrantes cabo-verdianos retornados e seus familiares", In: TEIXEIRA, Carla Costa (org.). *Em Busca da Experiência Mundana e seus Significados: Georg Simmel, Alfred Schutz e a Antropologia*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.

FAZITO, D. "Análise de redes sociais e migração: dois aspectos fundamentais do

'retorno". *Rev. Brasileira de Ciências Sociais*, 25(72), 2010.

FLEISCHER, S. "Pensando a identidade brasileira no contexto do "housecleaning" em Boston, Massachussets." In: CONFERÊNCIA DA LATIN AMERICAN STUDIES ASSOCIATION MEETING. Washington DC, 2001.

FORJAZ, Maria Cecília S., "Os exilados da década de 80: Imigrantes brasileiros nos Estados Unidos". *Revista RAE*, São Paulo, 33(1), 1993.

GOFFMAN, E. *Estigma: Notas Sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada*. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1988.

GOZA, F. "A imigração na América do Norte". *Revista Brasileira de Estudos de População*, Campinas, 9(1), 1992.

MACHADO, I. "Estado-nação, identidade-para-o-mercado e representações de nação." *Revista de Antropologia*, 47(1), 2004.

MACHADO, F. L. e ABRANCHES, M. "Caminhos limitados de integração social. Trajectórias socioprofissionais de cabo-verdianos e hindus em Portugal" In: *Sociologia, Problemas e Práticas*, n.º 48, 2005.

MARTES, A. C. B. *Brasileiros nos Estados Unidos: um estudo sobre imigrantes em Massachussets*, São Paulo, Ed. Paz e Terra, 1999.

OSMAN, A. S. "Problemáticas da imigração e do retorno na comunidade líbano-brasileira." *Cadernos Ceru*, série 2, 19(1), 2008.

RAPCHAN, E. S. "Relativismo epistêmico, relativismo antropológico: reflexões sobre a produção do pensamento no âmbito das construções da antropologia", Maringá, *Acta Scientiarum*, vol. 24, 2002.

SAINT-MAURICE, A. *Identidades Reconstruídas: Cabo-verdianos em Portugal*, Oeiras: Celta Editora, 1997.

SCHUTZ, A. *Fenomenologia e Relações Sociais*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

\_\_\_\_\_. “O Estrangeiro: Um ensaio em Psicologia Social.” *Revista Espaço Acadêmico*, São Paulo, n. 113, 2010.

TAVARES, Fátima Regina Gomes. “Schutz e Simmel: sobre os dilemas da condição social do 'estrangeiro'”. In: *Comum*. Rio de Janeiro, 6(17), 2001.

URIARTE, B. P. *Perigoso é não correr perigo*. Experiências de viajantes clandestinos em navios de carga no Atlântico Sul. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

## **Sites**

Figura 1 - <http://mee2008.lboro.ac.uk/pages/map.html>

Figura 2 - <http://www.temasbuscados.com/mapa-de-portugal-nosso-berco/>